

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL — HABILITAÇÃO JORNALISMO

ARTHUR CASA NOVA NONNIG

**CONSTRUINDO ALI: ANÁLISE DA PERSONAGEM MUHAMMAD ALI EM O REI
DO MUNDO, DE DAVID REMNICK**

PORTO ALEGRE

2014

ARTHUR CASA NOVA NONNIG

**CONSTRUINDO ALI: ANÁLISE DA PERSONAGEM MUHAMMAD ALI EM O REI
DO MUNDO, DE DAVID REMNICK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social — Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Professora Doutora Aline Strelow

PORTO ALEGRE

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Casa Nova Nonnig, Arthur
Construindo Ali: análise da personagem Muhammad
Ali em O Rei do Mundo, de David Remnick / Arthur
Casa Nova Nonnig. -- 2014.
85 f.

Orientador: Aline Strelow.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação
Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Personagem. 2. Biografia . 3. Jornalismo
Literário. 4. Narrativa. 5. Boxe. I. Strelow, Aline,
orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE
BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado.....
.....
.....,
de autoria de
estudante do curso
de.....
....., desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, de de 20.....

Assinatura:

Nome completo do orientador:

Aos Despilhados.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a análise da construção da personagem Muhammad Ali na biografia **O Rei do Mundo: Muhammad Ali e a ascensão de um herói americano**, de David Remnick. O livro conta a história do surgimento do boxeador Muhammad Ali e de seus oponentes até o título de campeão mundial dos pesos-pesados. Este estudo foi desenvolvido com a intenção de contribuir para o entendimento de como uma personagem é construída na Biografia, além de examinar a ligação do Jornalismo com a prática literária. Utilizou-se, como método, a análise pragmática de narrativa, buscando, no texto, escolhas do autor que contribuíssem para a construção da personagem Ali. Conclui-se que a Biografia é um gênero híbrido, que pode incluir características do Jornalismo e da Literatura, sendo **O Rei do Mundo** um exemplo de como isso é possível. Remnick emprega elementos literários para desenvolver a narrativa e definir a personagem. Como jornalista, explorou métodos de investigação e *clipping* para enriquecer a obra.

Palavras-chave: Biografia; David Remnick; **O Rei do Mundo**; Jornalismo; Jornalismo Literário; Personagem; Boxe; Narrativa.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the construction of the character Muhammad Ali at the biography **King of the World: Muhammad Ali and the Rise of an American Hero**, from David Remnick. This book tells the story about the emergence of the boxer Muhammad Ali and his opponents until the heavyweight boxing title. This paper was developed with the purpose of adding up the comprehension about how a character is created in a biography, such as the understanding of the relation between journalism and the literary practice. About the analysis, it was utilized pragmatic narrative method, searching at the text author's choices that contributed for the creation of the character Ali. With this paper, we conclude that biography is a hybrid genre, which can include characteristics of journalism and literature, being **The King of the World** an example of how this is possible. Remnick brought several elements of literature to develop his narrative and create the main character. As a journalist, explore methods of investigation and clipping to improve the work.

Key-words: Biography; David Remnick; **King of the World**; Journalism; New Journalism; Character; Boxer; Narrative.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 JORNALISMO E LITERATURA | 12 |
| 2.1 Jornalismo Literário | 12 |
| 2.2 Biografia | 16 |
| 2.3 Perfil jornalístico | 22 |
| 3 AUTOR E BOXE | 25 |
| 3.1 David Remnick | 25 |
| 3.2 O Rei do Mundo | 27 |
| 3.3 Boxeadores em livros | 32 |
| 4 MÉTODO | 35 |
| 4.1 A Narrativa | 35 |
| <i>4.1.1 A narrativa jornalística</i> | 37 |
| 4.2 Análise pragmática da narrativa | 39 |
| 4.3 A personagem | 41 |
| <i>4.3.1 Personagem no Jornalismo</i> | 44 |
| 5 ANÁLISE DE O REI DO MUNDO | 46 |
| 5.1 O atual Ali e o “novo negro” | 46 |
| 5.2 Patterson, Liston e o campeão olímpico | 48 |
| 5.3 O ladrão de bicicleta | 51 |
| 5.4 O medalhista rebelde | 54 |
| 5.5 O boxeador e a Nação do Islã | 58 |
| 5.6 Dentro da cabeça de Clay | 60 |
| 5.7 Um novo campeão | 62 |
| 5.8 Novas facetas de Ali | 68 |
| 5.9 O susto e o tiroteio | 71 |
| 5.10 A suspeita revanche | 73 |
| 5.11 A força de um nome | 75 |
| 5.12 O final de cada um | 77 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 80 |
| REFERÊNCIAS | 83 |

1 INTRODUÇÃO

A relação entre Jornalismo e Literatura existe desde muito antes de o termo Jornalismo Literário ser utilizado, iniciando ainda no século XIX. Os jornais já traziam como conteúdo obras de ficção em espaços marginais, os folhetins, explorando o interesse do leitor por histórias que vão além do simples relato dos fatos. Embora o compromisso com o real e o estilo direto de cobertura não tenham desaparecido, no século XX, muitos autores — como Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese — exploraram as possibilidades da narrativa literária dentro do fazer jornalístico. Sem perder o compromisso com a realidade, o Jornalismo começou a procurar novas formas de contar uma história, valorizando a personagem, por exemplo, um forte ponto de ligação entre Jornalismo e Literatura. Pena (2006a) caracteriza essa mistura de maneiras, essa forma nova de se expressar o real, como Jornalismo Literário, termo que engloba vários estilos e subgêneros, como o Novo Jornalismo, a Biografia e o Perfil Jornalístico.

Para Pena (2006a), a Biografia é um gênero que mistura Jornalismo, Literatura e História. O formato conduz a narrativa a partir de uma determinada personagem, com os acontecimentos e as histórias funcionando junto do mesmo eixo, uma história de vida. Como subgênero do Jornalismo Literário, o relato biográfico aproveita o estilo literário, para manter o interesse do público por uma narrativa, dando fôlego para uma personagem que, em cadernos de jornais, não seria nada além de um apêndice do fato.

Dentro da vasta gama de temas e histórias contadas pelo Jornalismo Literário, o boxe ganhou destaque nas décadas de 60 e 70 do século XX. Escritores jornalistas, como Norman Mailer e Gay Talese, levaram para a escrita os grandes lutadores que se transformaram em lendas do esporte, como Muhammad Ali e Floyd Patterson. **A Luta** (2011), de Norman Mailer, e **Fama e Anonimato** (2004), de Gay Talese, tratam do pugilismo com detalhes e forma literária. Enquanto o primeiro traz o relato do escritor na cobertura do combate entre Ali e Foreman, o segundo livro apresenta o perfil de um ex-campeão mundial dos pesos-pesados. As histórias e os relatos de lutadores, por sua singularidade e fama, foram material de grandes obras, conectando a história do Jornalismo Literário com o boxe. Com a gradual decadência de esportistas nos anos posteriores, o pugilismo perdeu espaço para outras modalidades nos jornais e revistas.

Um dos jornalistas que acompanhou uma nova fase de sucesso do boxe foi David Remnick, Editor da revista *The New Yorker* desde 1998. Na década de 90, o escritor cobriu a decadência da carreira de Mike Tyson, de alguma forma, retomando uma tradição de retratar

os boxeadores em textos de Perfil Jornalístico. Também em 1998, o autor lançou **O Rei do Mundo**, em que apresenta a ascensão do jovem Cassius Clay — cognominado Muhammad Ali depois de se converter para o Islamismo, em 6 de março de 1964 — até o seu primeiro título mundial dos pesos-pesados, após a vitória sobre Sonny Liston. O livro é uma biografia do acesso do jovem de 22 anos ao posto de maior respeito do pugilismo.

Por ser considerado o maior boxeador de todos os tempos por muitos especialistas do esporte, essa não é a única obra biográfica sobre Ali existente, nem a mais recentemente publicada. O próprio Ali lançou, junto com sua família, em 2004, **The Soul of a Butterfly: reflections on life's journey**, uma autobiografia em que o lutador retrata sua trajetória vitoriosa e tantas vezes descrita. No entanto, a obra de Remnick resgata um estilo clássico de Jornalismo Literário, apresentando ao leitor um longo processo de trabalho para relatar, com detalhes, a vida de Clay até o seu primeiro grande feito profissional. A contemporaneidade da obra e sua abrangência mundial também são fatores decisivos para que **O Rei do Mundo** tenha destaque sobre outros textos que relatam a história desse norte-americano que é uma das figuras mais marcantes do século XX.

Analisar textos contemporâneos de Jornalismo Literário, especialmente aqueles ligados ao pugilismo, tem grande relevância no cenário da Comunicação e do Jornalismo, uma vez que tanto o estilo quanto o esporte não têm grande ocorrência nas publicações atuais do Brasil. Trazer novamente à tona a linguagem e o pugilismo, mesmo que em uma pesquisa acadêmica, pode retomar uma atenção ao passado, quando renomados escritores viam, nesse esporte, especificamente, uma forma de representar a realidade social. No cenário nacional de pesquisa, não foi encontrado nenhum trabalho acadêmico especificamente sobre **O Rei do Mundo**, nem algum que mesclasse os dois assuntos principais desse livro, o boxe e o Jornalismo Literário. Muitos trabalhos já foram realizados analisando a construção de personagem no Jornalismo, no entanto, não foi localizado nenhum que apresentasse a construção de uma personagem boxeadora.

O próprio David Remnick ressalta essa característica do boxe: “[...] as lutas pelos campeonatos mundiais dos pesos-pesados são invariavelmente sobrecarregadas com a solenidade de sentidos mais profundos” (REMNICK, 2006, p. 507). Desse modo, a luta de Joe Louis contra Max Schmeling não foi apenas o combate entre dois homens em um ringue, mas simbolizou a batalha entre os Estados Unidos e a Alemanha nazista, o negro norte-americano contra o ariano europeu. O embate Liston contra Patterson — descrito por Remnick — representou a disputa entre dois posicionamentos diferentes da sociedade negra

da época. O duelo entre Sonny Liston e Cassius Clay foi importante para a luta pelos direitos dos negros nos Estados Unidos, movimento, muitas vezes, ligado à figura de Ali.

Essa característica social do boxe é ampliada nos textos biográficos, que exploram a vida e a trajetória do pugilista, da infância aos gostos pessoais. Desse modo, a realidade social pode ser representada de forma única nas produções jornalístico-literárias, aumentando a relevância de uma pesquisa sobre esse estilo e a construção das personagens boxeadoras nos textos desse gênero. A proposta do presente trabalho é analisar os elementos de construção da personagem Muhammad Ali em **O Rei do Mundo**, de David Remnick, além de identificar, no texto, características do Jornalismo Literário e da narrativa biográfica.

Estudar a construção da personagem permite uma análise profunda sobre todos os elementos que tornaram Ali alguém tão significativo em suas batalhas, sejam elas dentro do ringue, sejam nos debates sociais. A Biografia, assim como o Perfil Jornalístico, demanda um longo processo de entrevistas e conhecimento da vida do biografado, que vai além do fazer diário do jornalista.

Para compreender a construção de personagem, o método utilizado é a análise pragmática de narrativa, que está inclusa na narratologia. Segundo Motta (2007), a narratologia é um processo que estuda os sistemas narrativos dentro do contexto da sociedade, dedicando-se às produções, sejam faccionais (Jornalismo, Biografia, arquivos históricos), sejam ficcionais (contos, romances, roteiros). Como a obra analisada neste trabalho é uma produção biográfica realizada por um jornalista, é relevante trazer Motta (2005), para estudar a narrativa jornalística e sua relação com a realidade. No Jornalismo, existe sempre uma íntima relação entre personagens e pessoas físicas, uma vez que são representações de pessoas reais. “A personagem jornalística guarda uma relação estreita com a pessoa, com o ser real objeto da narração. Isso gera uma complexidade singular.” (MOTTA, 2005, p. 7). É importante salientar como a escolha dos termos e a construção textual fundamentam esse estilo de crítica, uma vez que é levada em consideração a estratégia de encadeamento do autor, tanto na organização textual quanto nos assuntos relacionados, seja a narrativa literária, seja a proveniente do Jornalismo. A narrativa não é ingênua, ela pressupõe uma organização, um pensamento por trás de alternativas do autor.

Neste trabalho, o Capítulo 2 apresenta os conceitos e delimitações do Jornalismo Literário, da Biografia e do Perfil Jornalístico, destacando características e métodos para a análise posterior do objeto de pesquisa. O Capítulo 3 expõe a relação histórica entre o Jornalismo Literário e o boxe, exibindo obras de autores reconhecidos do gênero, além de apresentar a obra **O Rei do Mundo**. Nesse capítulo, ainda está presente a relação do autor,

David Remnick, com o esporte e suas outras produções ligadas ao tema e ao Jornalismo Literário. O Capítulo 4 define a metodologia utilizada e ainda traz conceitos importantes para a análise, como a personagem e a narrativa. A análise da narrativa e da personagem Muhammad Ali estão no Capítulo 5, em que o método de construção do biografado é esmiuçado para o entendimento de sua formação pelo autor. Por fim, as *Considerações finais* trazem os resultados alcançados durante o processo de análise.

2 JORNALISMO E LITERATURA

A relação entre Jornalismo e Literatura é comum e identificada em vários períodos da História, justamente por os campos partilharem possibilidades textuais. Na sua origem, o Jornalismo buscou, na Literatura, a fonte para as suas narrativas. Aos poucos, no entanto, a profissão desenvolveu uma tradição própria de textualidade, sem negar a influência literária e retomando-a com maior ênfase em determinados momentos (BULHÕES, 2007).

Um dos maiores exemplos de ligação entre as áreas encontra-se no final do século XIX e início do século XX, quando escritores de prestígio ocupavam as páginas dos jornais, ao lado dos jornalistas, nos chamados folhetins. No século XX, a Literatura foi perdendo espaço nos periódicos, devido à ascensão das reportagens, que mesclam o estilo literário com o fazer jornalístico. Com o surgimento de escolas como o Realismo e o Naturalismo, a Literatura fez o caminho inverso e procurou, na realidade, a fonte para suas produções (BULHÕES, 2007). Aqui é importante ressaltar que o Jornalismo busca a verdade dos fatos, enquanto a cultura literária apenas tem a possibilidade de usar o factual para a sua produção ficcional. Como explica Sodré (2009, p. 167), “[...] o texto jornalístico pode ser retoricamente ficcional, mas não fictício, enquanto o literário comporta o ficcional e o fictício”.

Com uma relação histórica de semelhança narrativa, as duas áreas ficaram ainda mais próximas com o surgimento do Novo Jornalismo na segunda metade do século XX.

2.1 Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário é um termo identificado de diferentes formas por diversos autores. Alguns o caracterizam pela participação de escritores em jornais, outros pela crítica literária relativa aos jornais. O movimento mais forte é daqueles que ligam o termo com o conceito do movimento conhecido como Novo Jornalismo, iniciado nos Estados Unidos, na década de 60 do século XX. Nesse estilo, também estariam presentes os textos de Perfil Jornalístico, Biografias, romances-reportagem e jornalismo gonzo (PENA, 2006a). Dentre os estilos e subgêneros relacionados pelo autor, é interessante destacar as características do Novo Jornalismo.

O termo Novo Jornalismo apareceu, pela primeira vez, em 1887, para desqualificar o editor britânico William Thomas Stead, muito antes do manifesto do gênero escrito por Tom Wolfe. Esse Novo Jornalismo em questão baseava-se na participação do jornalista em suas publicações. Stead, para comprovar o seu posicionamento, era participante de suas histórias.

Apesar de o termo já ter sido utilizado, o Novo Jornalismo definido como é conhecido atualmente só foi concretizado com a obra de Tom Wolfe. No entanto, a prática do Jornalismo Literário já tinha representantes antes de 1973, data da primeira publicação de **Radical Chique e o Novo Jornalismo** (WOLFE, 2005). Alguns historiadores consideram Daniel Defoe o primeiro jornalista literário moderno, não por suas obras famosas, como **Robinson Crusóé**, de 1719, e **Moll Flanders**, de 1722, mas por uma série de matérias publicadas em 1725. Essas reportagens tinham cunho policial e combinavam elementos da literatura com as práticas jornalísticas. Mesmo no século XX, alguns autores já anteciparam o que seria descrito por Wolfe. Os mais reconhecidos foram John Hersey e Truman Capote. O primeiro descreveu a tragédia atômica da Segunda Guerra Mundial contra as cidades japonesas de Nagasaki e Hiroshima, título da obra publicada em 1946. No livro, foi utilizada uma narrativa literária para descrever o fato jornalístico através da perspectiva dos pontos de vista de seis personagens reais, sobreviventes do ataque. Escritor renomado mundialmente por misturar Jornalismo e Literatura, Truman Capote não utilizava o termo Jornalismo, mas, sim, romance de não ficção. No seu trabalho, os diálogos e as cenas vividas são descritas com o cuidado de um autor de ficção (PENA, 2006a).

O que gerou o advento do Novo Jornalismo, na década de 60, nos Estados Unidos, foi a insatisfação dos profissionais com a estrutura vigente e rígida do lide¹. O molde de responder as perguntas básicas logo no começo de qualquer reportagem já era criticado pela limitação imposta. Pena (2006a) aponta que a grande mudança apresentada por Wolfe foi evitar o tom bege da “imprensa objetiva”. A subjetividade do trabalho parou de ser “escondida”, para assumir uma posição de destaque, tornando-se visível no fazer do Jornalismo. A prática jornalística não estaria, dessa forma, presa a amarras e manuais de redação, mas, sim, livre para aumentar o valor estético das produções através de técnicas literárias. Além da crítica ao modelo de jornalismo praticado, Pereira Lima (1993) expõe a influência da época para tal mudança. O *rock-and-roll* ganhava uma nova expressão artística, o cinema *underground* desafiava o modelo-padrão hollywoodiano, e as artes plásticas desciam do seu ponto alto de admiração para retratar elementos da cultura pop. É interessante, neste ponto, trazer a percepção do próprio Tom Wolfe sobre o seu primeiro artigo dentro desse novo estilo. Em 1963, o autor, pela primeira vez, explorou práticas literárias no fazer do Jornalismo. “Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recuso literário [...]” (WOLFE, 2005, p. 28).

¹ O lide é uma estratégia narrativa do Jornalismo que pretende conferir objetividade aos textos, respondendo, no início de qualquer reportagem, as questões: quem?; o quê?; como?; onde?; quando?; por quê?

No manifesto de 1973, *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, Tom Wolfe define quatro recursos básicos do Novo Jornalismo: reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem (PENA, 2006a). Pena (2006a) define o Jornalismo Literário como uma mescla de gêneros que possibilita a criação de um terceiro. Dessa forma, a mistura de ficção e verdade é capaz de gerar um terceiro produto, com a verossimilhança possível, que funcionaria como um só.

Para delimitar com mais precisão o que seria essa “melodia”, o autor criou uma metáfora: uma estrela de sete pontas. Cada ponta da figura é um item imprescindível para a criação desse Jornalismo Literário melódico. A primeira ponta dessa estrela é o fazer jornalístico. A prática do Jornalismo Literário não ignora as habilidades de um jornalista. Desse modo, o estilo, na verdade, potencializa os métodos do Jornalismo diário visto nas redações.

A segunda ponta da estrela é a preocupação em ultrapassar os limites do simples acontecimento do cotidiano. Para Pena (2006b), o importante é quebrar as duas bases do Jornalismo contemporâneo, a periodicidade e a atualidade. O texto não precisa responder a *deadlines*², nem se preocupar com a relevância da informação em um determinado momento. Os escritos que seguem uma base do Jornalismo Literário têm um caráter de contextualização, de reflexão, bem diferente daqueles criados no dia a dia de uma redação, quando o fechamento do jornal influencia diretamente a profundidade de determinado assunto tratado. A ideia principal não é dar a informação, mas, sim, mesclá-la com perspectivas, contextos, diferentes abordagens, para, depois, entregar ao leitor. Essa expansão de perspectiva se enquadra no que o autor chama de terceira ponta.

O quarto ponto principal a ser explorado é a capacidade do texto de trabalhar a cidadania. Quando um jornalista pretende apropriar-se de um determinado tema, é necessária uma abordagem que contribua para a formação do cidadão (PENA, 2006b). Nos textos publicados sobre boxe, por exemplo, é comum ligar a história do atleta a outros fatos culturais e históricos que enriquecem não só o texto, mas toda a experiência do leitor. Na obra analisada neste trabalho, aparecem temas como a Guerra do Vietnã, a luta dos negros nos Estados Unidos e até mesmo a influência de uma seita islâmica durante a trajetória de Muhammad Ali.

² Como é chamado o prazo final de entrega de uma produção jornalística.

A quinta característica do Jornalismo Literário apresentada por Pena (2006b) é a quebra com o lide jornalístico — assim como foi proposto pelo Novo Jornalismo norte-americano. O lide é uma estratégia narrativa do Jornalismo que pretende conferir objetividade aos textos, respondendo, no início de qualquer reportagem, as questões: quem?; o quê?; como?; onde?; quando?; por quê? O que surgiu para padronizar e objetivar o processo acabou por pasteurizar a criação jornalística. “Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2006b, p. 8).

A sexta ponta da estrela é um ataque direto aos fazeres do Jornalismo moderno. A ideia por trás desse tópico é a fuga dos definidores primários, as fontes oficiais e os discursos já ouvidos. O Jornalismo diário ainda é refém de informações provenientes de pessoas ocupantes de altos cargos, posições que embasam e dão relevância à declaração. No entanto, essa prática, muitas vezes, é assumida pela falta de tempo de produção em um ambiente de redação. No Jornalismo Literário, outras vozes — como cidadãos comuns, fontes anônimas, referências a outros textos — podem trazer pontos de vista que não têm grande espaço nos meios tradicionais.

A última característica apresentada pelo autor é a perenidade. “Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência” (PENA, 2006b, p. 8). A obra de Jornalismo Literário não deve perder-se na temporalidade. A partir de reflexões, contextos e construções sistêmicas, é possível criar uma realidade multifacetada, que expande o discurso direto e objetivo.

Para tratar do Jornalismo Literário moderno, da década de 90, Pereira Lima (1993) apresenta uma série de características que misturam a “estrela de pontas” de Pena (2006a; 2006b) e o Manifesto de Tom Wolfe (2005), incorporando conhecimentos de vanguarda de vários campos e constituindo uma narrativa complexa. Segundo o autor, o estilo traz as seguintes técnicas: *exposição ou sumário*, uma síntese de uma ação secundária que traz o contexto principal à ação; *cena presentificada da ação*, o relato do fato à medida que se desenvolve, como uma projeção cinematográfica; *ponto de vista*, ou seja, o autor fornece ao leitor uma perspectiva para acompanhar o acontecimento, seja ela pessoal (em primeira pessoa, seja de diferentes personagens; *metáfora e figuras de retórica*, que funcionam, de forma bastante literária, para explicar um tópico complexo; *citações diretas*, usadas moderadamente; e *fontes identificadas claramente*, explicando, assim, a origem da história ou a informação relatada (PEREIRA LIMA, 1993).

Em relação às duas visões apresentadas, Sodré (2009) complementa que o uso de técnicas da narrativa literária — como usar linguagem pessoal ou coloquial, colocar-se na cena do acontecimento e inserir elementos romanescos ao relato — funciona para captar a atenção do leitor. Desse modo, as técnicas literárias para a produção jornalística não implicam a produção de ficção literária em si.

2.2 Biografia

As origens da Biografia remontam aos tempos antigos. Personalidades ilustres eram retratadas em obras que contavam suas trajetórias desde a Antiguidade. Plutarco, no século II d.C., narrou feitos e histórias de ilustres figuras da Grécia e de Roma, consagrando-se como um dos expoentes da Biografia Helenística, berço da tradição biográfica (FONSECA; VIEIRA, 2011). É importante ressaltar-se que, desde sua origem, esse gênero de escrita sempre teve uma base literária. Na Idade Média, as narrativas de vida continuaram sua tradição, focando-se em homens da nobreza e do clero, principalmente no que diz respeito aos santos, o que configura a hagiografia. As histórias de vida em publicações acompanharam o desenvolvimento do homem, alterando-se, ao passar do tempo, através da cultura. A Biografia firma-se, no século XVIII, já como um relato com características próprias, narrativas híbridas e centrado no homem (BRUCK, 2009).

A Biografia é entendida como um gênero híbrido pelos mais diversos autores que estudam sua produção. Bruck (2009) caracteriza o trabalho biográfico como um processo baseado em diversas experiências e campos do conhecimento humano, do ético ao psicológico. O autor ainda ressalta que, por se basearem na realidade, na sua tentativa de contar e recriar o fato, os relatos biográficos caem em um espaço cinzento entre ciência e arte, a imaginação e a História. Vilas Boas (2002) lembra que a narrativa biográfica mistura saberes das mais diferentes áreas em sua práxis, tornando-se, assim, um constructo simbólico híbrido. A verdade e a ficção misturam-se, para trazer à tona o realismo da Biografia, e as relações subjetivas criadas pelo biógrafo misturam os mais diversos campos do saber: Filosofia, História, Literatura, Jornalismo. O historiador e filósofo francês François Dosse (2009) percebe no caráter híbrido da Biografia uma dificuldade em sua classificação como disciplina organizada, justamente por sua pulverização em diversos campos do saber. Para o autor, a Biografia está em um constante momento de tensão entre a necessidade de mimetismo com o real e as capacidades criativas do biógrafo. Esse conflito, obviamente, não é restrito à produção biográfica, mas presente também no Jornalismo e na Historiografia, por exemplo.

Esse caráter da Biografia, apontado por diferentes autores, levou a compreensões bastante distantes sobre o estilo. O biógrafo francês Andre Maurois, no final da década de 20, colocou o gênero como obra de arte. Para Maurois (MAROUIIS, 1932, *apud* DOSSE, 2009), o trabalho de contar a história de uma personagem é semelhante a um retrato à mão. Desse modo, seria impossível tirar do autor a sua arte apenas pela realidade das personagens. O ensaísta ainda impunha regras para a produção de narrativas biográficas. Em primeiro lugar, é necessário seguir uma ordem cronológica, uma vez que a expectativa pelo futuro é a chave para o caráter romanesco da obra. Em segundo lugar, o escritor não deve descentralizar demais o herói, nunca fazê-lo desaparecer em um plano de fundo de sua época. No entanto, é necessário apontar pequenos detalhes e episódios anedóticos para a construção da personalidade do biografado, o que constituiria o encanto do gênero (BRUCK, 2009; DOSSE, 2009).

Outra compreensão bastante interessante a respeito de Biografia é a de Virginia Woolf. Reconhecida por sua obra literária, a escritora defendia a mistura do factual com a ficção para a maior compreensão e expressão do gênero biográfico. Para ela, a interioridade do indivíduo é tão importante quanto a apuração de documentos e certidões (DOSSE, 2009). Sobre o trabalho e a visão de Woolf, o escritor ainda lembra que a autora defende uma concepção mais “solta”, já que enxerga, na dosagem entre ficção e fato, a chave para a construção de uma boa biografia. Caberia, então, ao biógrafo, compor nos dois planos, uma vez que a verdade da ficção e a verdade dos fatos não são compatíveis, encontrando, dessa forma, a saída na combinação das duas.

As variadas visões a respeito do fazer da Biografia levaram a diferentes classificações do gênero. Para Vilas Boas (2003), a Biografia é o relato extenso sobre um personagem, utilizando episódios de sua vida para criar uma linha cronológica. “Em rigor, é a compilação de uma (ou várias) vida(s)” (VILAS BOAS, 2002, p. 18). O autor ainda aponta algumas expressões que são comumente utilizadas por profissionais das Ciências Sociais. O termo *biografia intelectual* começou ser usado para designar o trabalho que narra a vida de um filósofo, sociólogo, antropólogo, reunindo, dessa forma, história e obra pessoal. *Biografia literária* — apesar de o nome sugerir uma versão literária da narrativa — serve para designar as obras que relatam a trajetória de grandes autores, sejam eles escritores, sejam poetas, ou ensaístas, dentre outros. A terceira modalidade apresentada por Vilas Boas é a *biografia científica*, que se aplica apenas às obras que descrevem a trajetória de um indivíduo que alcançou feitos impressionantes na área das ciências exatas. Por último, a *biografia jornalística* é aquela produzida por um profissional do Jornalismo, aproveitando-se das

habilidades adquiridas no exercer do trabalho diário. No entanto, para este trabalho, apesar de se analisar uma biografia escrita por um jornalista, não se seguirá nenhuma dessas categorias. A justificativa para tanto é dada pelo próprio Vilas Boas (2002): “[...] a biografia é uma categoria indivisível em si, o trabalho do biógrafo é uma especialidade em si”. Ou seja, não é necessário ter uma formação específica para produzir determinado estilo de obra, uma vez que a própria Biografia — gênero híbrido como analisado anteriormente — é uma categoria múltipla e suficiente nela mesma.

No entanto, essa totalidade da Biografia não explica a grande demanda do mercado pelo gênero. O próprio autor apresenta quatro motivos para tal interesse dos consumidores. O primeiro é a capacidade do texto de permitir que o leitor se projete em outras vidas e outros tempos. A segunda é que a Biografia atingiria, segundo ele, um público de mercado alienado e fútil, com interesse sobre as fofocas e detalhes sórdidos de celebridades de todas as áreas, do entretenimento à política. Outra ideia é o conceito de que a procura por vidas extraordinárias funcionaria para valorizar a própria vida do leitor, já que ele pode identificar, na trajetória alheia, semelhanças com a sua própria. Por último, Vilas Boas sugere a possibilidade de a trajetória do biografado funcionar como uma espécie de inspiração, em que o feito da personagem atuaria para proporcionar uma mudança na vida do leitor.

Schmidt (1997) também destaca que a escolha de uma personagem biografada segue esse mesmo propósito, desse modo, ocorre “[...] a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente” (SCHMIDT, 1997, p. 4). Pena (2004) aponta uma dificuldade na escolha da personagem retratada, a idolatria do biografado, ressaltando a espetacularização das formas tradicionais de entretenimento, em que todo indivíduo é superdimensionado. Nesse ponto, o autor diferencia o herói da celebridade. Enquanto o herói tem a sua vida voltada para determinada ação ou conquista, a celebridade vive para si, em busca do foco total. Ainda sobre a escolha do biografado, Schmidt (1997) ressalta que muitos biógrafos procuram apresentar facetas diferenciadas das personagens, além dos fatos mais conhecidos do público, apesar de se tratar de trajetórias notórias. Dessa maneira, é possível enxergar, nos textos, o sentimento, o cotidiano, a cultura, dentre outros fatores, normalmente, deixados de fora do fio condutor da biografia. Pena (2004, p. 20) ainda apresenta uma versão bastante diferente da atração do mercado pelo gênero biográfico: “O sucesso das biografias no mercado editorial está certamente relacionado à opção da maioria dos autores em reconstruir o passado atribuindo significado aos fatos dispersos de uma vida, alocando-os em ordem cronológica”.

Essa tentativa do biógrafo de colocar os acontecimentos da vida da personagem principal em uma ordem diacrônica, na ilusão de captar uma história com início, meio e fim a partir de um fio condutor, é o que Pierre Bourdieu (1996) chama de “ilusão biográfica”. Segundo o estudioso francês, a proposta de criar uma narrativa linear com sentido e propósito para o biografado a partir de eventos de sua vida seria como acreditar que a própria vida segue essa mesma estrutura. No entanto, é claro, para o autor, que o real é composto por eventos aleatórios, descontínuo e com elementos justapostos sem uma razão de ser.

Para explicar melhor o conceito, Bourdieu (1996, p.189-190) vale-se da metáfora do metrô:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metro sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.

Sendo assim, tratar uma vida a partir de um fio condutor, uma linha de metrô, sem compreender o espaço social — na metáfora, representada pela rede de linhas — é parte constituinte da “ilusão biográfica” de Bourdieu.

Bruck (2009) ainda simplifica o conceito, ao estabelecê-lo como uma crítica ao tipo de narrativa biográfica que trata uma vida como uma trajetória coerente, deixando de lado fatores comuns às vidas de quaisquer pessoas, como contratempos, azares, momentos de sorte, casualidades, oportunidades. O autor ainda lembra que o filósofo francês, em seu texto, critica a tendência dos biógrafos de tomar a atitude ou a postura da personagem biografada como singular e única, sendo que, muitas vezes, pode ser algo-padrão para uma determinada classe social ou geração. Desse modo, Bruck (2009) ressalta que, para Bourdieu, seria praticamente impossível produzir uma biografia sem a ilusão da singularidade do retratado ou a ilusão de coerência perfeita numa trajetória particular. Dosse (2009, p. 209) ainda lembra que “A biografia, segundo Bourdieu, não apresenta pertinência alguma”.

Na contramão do pensamento do filósofo francês, é interessante apresentar o posicionamento do jornalista e escritor brasileiro Ruy Castro:

Acho que quem fala na “impossibilidade de efetivamente biografar alguém” está apenas tentando justificar sua própria preguiça. Se houver tempo para procurar fontes e conversar com elas, não há nada importante que não possa ser esclarecido. E, quando se fica muitos anos em cima da vida de uma pessoa e se conversa com 200 pessoas ou mais a respeito dela, tudo que for importante na vida dessa pessoa acabará vindo à tona (CASTRO *apud* BRUCK, 2009, p. 53).

Deve-se ressaltar que esse posicionamento de Ruy Castro não se refere diretamente ao conceito bourdiano, mas, sim, ao trabalho de pesquisa e construção da biografia a partir de investigações, consultas e entrevistas, métodos comuns ao trabalho jornalístico.

Para muitos estudiosos, essa investigação e a preocupação com questões psicológicas do biografado — postura facilmente encontrada no trabalho de Ruy Castro, como na obra sobre o ídolo botafoguense Mané Garrincha, **Estrela Solitária** — foram um marco na Biografia Moderna, sendo referenciadas no trabalho de James Boswell, que, em 1791, biografou o romancista Samuel Johnson (BRUCK, 2009). O trabalho minucioso do escritor em **The Life of Samuel Johnson**, acompanhando o dia a dia do poeta inglês, foi o que possibilitou a introdução de elementos, atualmente, comuns à Biografia, como especulações psicológicas, publicação de cartas pessoais, documentos e conversas presenciadas. Todos esses rudimentos de composição foram o início do que mesclaria o Jornalismo com a Literatura nas biografias, um marco histórico para a Biografia Moderna (VILAS BOAS, 2002).

Segundo o biógrafo norte-americano Steve Weinberg (1992), o trabalho de pesquisa apurado e a prática de redação dos jornalistas investigativos são os fatores que abriram o campo da Biografia para o Jornalismo. De acordo com o autor, diferentemente de outros profissionais que podem exercer a função de biógrafo, o experiente jornalista já sabe formas de obter informações sigilosas sobre uma variedade de assuntos a partir de contatos e práticas diárias. O costume de escrever para um público abrangente, fugindo do público acadêmico de um historiador, por exemplo, também é outro fator que pode ser decisivo para a busca de muitos profissionais do Jornalismo pela narrativa biográfica.

O fazer biográfico, no entanto, envolve os mais diversos processos de estruturação. Dosse (2009), por exemplo, lembra a concepção de Woolf na **Introdução** da obra **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Ao descrever o processo de construção de uma biografia, o autor resalta que as lacunas da documentação, na investigação do biógrafo, precisam ser preenchidas pela dedução lógica e pela imaginação; nesse ponto, entraria em cena a ficção e o caráter criativo da obra biográfica. Esse trabalho de artesão para aparar as arestas da tarefa documental e incluir, na obra, a ficção necessária para o caráter de romance da Biografia é ponto de debate para Schmidt (1997). O historiador apresenta uma interessante comparação entre a construção de biografias por historiadores e a por jornalistas. Segundo o autor, o historiador pode utilizar imaginação, desde que ela seja explicitada no texto, quando tal montagem é balizada por fontes disponíveis. Já o jornalista não seguiria esse padrão, criando uma obra no tecer de verdadeiro e verossímil, possível e provado. Na análise de Schmidt

(1997), não está em questão, por exemplo, como um escritor preencheria as lacunas da sua investigação, muito menos o trabalho de levantamento de informação de um indivíduo que não seja o historiador ou o jornalista.

No que diz respeito à construção de uma narrativa biográfica envolvendo práticas e estilos, Vilas Boas (2002) destaca que a Biografia, assim como o livro-reportagem, mistura a prática jornalística com a literária. Para o autor, enquanto o enfoque humano e literário está no material escrito, o fazer do jornalista encontra-se no compromisso com os fatos e com a acessibilidade do texto. Além disso, o sistema de fontes do biógrafo é o mesmo do jornalista. Trabalhar com entrevistas de fontes, documentos, fotos e *clipping* é algo habitual para o profissional do Jornalismo. No entanto, o próprio autor deixa claro que, por mais extensivo que seja o trabalho do biógrafo, a função do autor de interpretar e recriar personagens a partir de fontes primárias (gravações, documentos impressos, cartas, diários, tudo que não depende da memória humana) e secundárias (fontes suscetíveis a esquecimentos da memória, como entrevistas) não dá a possibilidade de atingir a totalidade do sujeito narrado.

Segundo Fonseca e Vieira (2011), muitos são os jornalistas que buscam a Biografia como uma nova vertente da reportagem de fôlego, a grande reportagem, principalmente no Brasil. Ter como foco a vida de grandes homens — como é o caso da escolha de Remnick por Ali — busca desvendar história interessante, que, muitas vezes, já foram abordadas em outras obras, mas que, pelas diversas possibilidades de representação, ainda são atraentes para um novo trabalho biográfico. Como trazem Fonseca e Vieira (2011, p. 106), “[...] esses personagens, ao terem suas existências resgatadas pelos biógrafos, são apresentados com um novo significado, não como uma reinvenção da sua existência, mas com outra possibilidade de entendimento e registro de memória e de valor da sua trajetória”. Além disso, dois autores não escrevem do mesmo jeito e nem moldam a narrativa biográfica do mesmo modo, sendo assim, uma mesma personagem pode ter a vida retratada e contada por diferentes escritores de formas completamente diversas (VILAS BOAS, 2002). O próprio Muhammad Ali é um bom exemplo para demonstrar essa afirmação de Vilas Boas. As obras audiovisuais, impressas e cinematográficas sobre a vida de Ali conseguem, ao retratar o mesmo homem, fornecer ao espectador experiências e trajetórias completamente distintas.

Segundo Pena (2006a), a Biografia é um gênero — como já mencionado — híbrido, que mistura Jornalismo, Literatura e História, sendo tratada, por ele, como um subgênero do Jornalismo Literário. Desse modo, a narrativa biográfica aparece como a parte do campo responsável por tratar — em grande extensão — de um determinado personagem, onde todos os acontecimentos do enredo funcionam como satélites contornando a personagem principal.

As características do Jornalismo Literário, citadas anteriormente, estão presentes no fazer biográfico. Como aborda Gentili (2010), existe uma preocupação do autor em “fisgar” o leitor e segurá-lo durante toda a obra. Desse modo, o biógrafo coloca-se em uma posição de contador de histórias, muitas vezes, misturando o seu fazer jornalístico com a narrativa apresentada. Como traz Vilas Boas (2002), à medida que o Jornalismo Literário e as práticas do New Journalism são utilizados na criação biográfica, o gênero enriquece-se.

Fonseca e Vieira (2011) também apontam outra ligação possível entre Jornalismo e Literatura. Segundo as autoras, a Biografia pode ser entendida como fato jornalístico a partir da relevância da personagem retratada. O Jornalismo baseia-se na informação, referenciando-se sempre no real, dessa maneira, é possível compreender uma trajetória de vida como matéria-prima do Jornalismo.

2.3 Perfil Jornalístico

A compreensão do gênero Perfil Jornalístico faz-se necessária neste trabalho pelo estilo de composição biográfica, que encadeia histórias e fatos para construir sua narrativa. Dessa forma, em **O Rei do Mundo**, de Remnick, têm-se dois perfis de personagens coadjuvantes — Floyd Patterson e Sonny Liston —, que funcionam para estruturar o relato sobre a vida de Muhammad Ali.

Segundo Vilas Boas (2003), o Perfil Jornalístico tem um grande diferencial em relação à Biografia. Enquanto este último gênero precisa apresentar todos os pormenores da vida do biografado, o texto de Perfil Jornalístico pode deter-se apenas em um momento da trajetória do sujeito, analisando-o mais profundamente e interpretando determinado período de sua vida. O autor define o perfil como “uma narrativa curta tanto em extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter” (VILAS BOAS, 2003, p. 13). É importante entender aqui como o autor já delimita essa prática para repórteres. Enquanto as biografias são escritas por poetas, historiadores e jornalistas, aparentemente, a prática de perfis é, desde o seu princípio, ligada à carreira jornalística.

Oswaldo Coimbra (1993, p. 123) define o estilo como “reportagem descritiva de pessoa”. Segundo o autor, o texto de perfil é aquele que, extenso ou curto, atribui à personagem principal traços, qualidades e características; é, segundo a teoria narrativa, a personagem caracterizada. Já Sodr e e Ferrari (1986) classificam como perfil o texto que tem seu enfoque no protagonista de uma história. O interessante é apresentar as variações sugeridas pelos autores. O perfil de uma personagem secundária, com um breve momento de

suspensão da história narrada, é denominado miniperfil. Por outro lado, quando uma mesma personagem é o foco principal de diversos textos e histórias, como uma grande reportagem sobre um indivíduo só, a classificação é multiperfil.

A tradição dos perfis sempre esteve ligada à figura retratada. Uma celebridade, um político renomado, um esportista de sucesso sempre foram alvos dos textos sobre personagens. Pela atenção gerada por essas pessoas, nasceu esse estilo, que busca dar luz a questões como comportamento, visões de mundo e episódios de vida do retratado, algo que não cabia a reportagens diárias. Logo, revistas começaram a investir no estilo. *Esquire*, *Vanity Fair*, *The New Yorker*, *Life* e *Harper's*, no exterior, e *O Cruzeiro* e *Realidade*, no Brasil, são publicações reconhecidas por seus textos ricos representando um indivíduo. A revista *The New Yorker* — fundada em 1925 — é conhecida por ter sido o berço desse estilo após a contratação do jornalista Joseph Mitchell, no final da década de 30 do século passado. Os textos de Mitchell não se limitavam a personalidades, mas também retratavam o homem comum, o trabalhador de fábrica, o construtor e, em um curto espaço de tempo, ganharam destaque no cenário norte-americano (VILAS BOAS, 2002, 2003).

Outro nome que contribuiu para a valorização do Perfil como modalidade jornalística foi o repórter da *Life* Lincoln Barnett. Segundo ele, as biografias lidam com indivíduos sobre os quais se têm evidências completas — os mortos —, enquanto a reportagem tem a característica de ser mutável. Nesse ponto, o jornalista acredita que o Perfil Jornalístico, ou *close-up*, como também ficou conhecido, não sofre nem com a limitação da vida já transcorrida nem com a limitação do fazer jornalístico de se preocupar apenas com atos e palavras. O Perfil Jornalístico é um gênero ambicioso, uma vez que busca realizar o mesmo ou até mais que uma Biografia em um espaço menor (BARNETT, 1992 *apud* VILAS BOAS, 2002).

A diferença mais significativa do Perfil Jornalístico em relação à Biografia, de acordo com Vilas Boas (2003), é que ele funciona como um *portrait*, um retrato, tentando expressar um instante, uma interpretação, sem estar, obviamente, livre de ambiguidades. Assim como não se pode dizer o que expressa exatamente o sorriso de Mona Lisa, não se pode esquecer que o perfil é retratado por um jornalista, e suas interpretações nem sempre são as mesmas de outros indivíduos.

O autor ainda destaca quatro partes de um Perfil Jornalístico que ficam na memória do leitor: lembrança, espaço, circunstância e interação. Cada um desses elementos tem uma função importante na ligação do autor com o seu público. “Da lembrança flui a história de vida; o espaço é a geografia do encontro — a tela do *portrait*, digamos; a circunstância

representa o tal ‘momento significativo’ a que se referiu Cartier-Bresson; e a interação é o que leva a uma expressão (facial, gestual, opinativa, etc.).” (VILAS BOAS, 2003, p. 20).

Pontes da Silva (2010), em seu artigo *A Vida Cotidiana no Relato Humanizado do Perfil Jornalístico*, ressalta que o texto de perfil tem uma forte preocupação com a experiência do outro. O destaque na personagem funciona não só para lhe atribuir características, mas também para desvendar sua ideologia, mesmo que o tempo retratado não seja muito extenso. Além disso, o autor diferencia o texto de perfil do biográfico, ao explicar que não existe a preocupação em apresentar toda uma trajetória, mas, sim, descrever algo que coloque a personagem em um parâmetro “perfilável”. Vilas Boas (2003) também traz uma diferenciação em relação às biografias — além da extensão em caracteres do texto. “Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem” (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

3 AUTOR E BOXE

3.1 David Remnick

David Remnick nasceu em Hillsdale, Nova Jersey, no ano de 1958. Filho de pai dentista e mãe professora de arte, formou-se em Literatura Comparada pela Universidade de Princeton. Seu primeiro trabalho foi no *Washington Post*, um dos maiores jornais da capital norte-americana, como repórter da Editoria de Geral. Sem saber exatamente o que iria cobrir, Remnick fez matérias sobre esportes, entrevistou celebridades para o Caderno de “Estilo”, além de acompanhar algumas batidas policiais. No ano de 1987, o *Washington Post* decidiu enviar um segundo correspondente a Moscou. O período ainda era da Guerra Fria, e, como o próprio autor explicou em entrevista para o *The Guardian*, em 2006, a vaga não era concorrida dentro da redação.

Ninguém mais queria ir. É frio e, naquela época, se você quisesse café, precisaria encomendar da Dinamarca. Eu tinha que ir — tinha 28, 29 anos — e era o melhor tipo de cobertura internacional, realmente excitante, constantemente mudando, fascinante intelectualmente, variada etnicamente. Era o paraíso para um repórter (REMNIK *apud* WOOD, 2006, tradução nossa)³.

Antes de iniciar essa viagem, que mudaria o seu destino como jornalista, Remnick casou-se com Esther B. Fein, repórter do *The New York Times*, que também cobriria os acontecimentos que marcaram o final da União Soviética.

No ano seguinte, o jornalista partiu para uma cobertura internacional de quatro anos para o *Washington Post*. Durante sua estada gelada nesse país, Remnick mostrou-se um grande profissional. Em um dia específico de sua cobertura, ele fez três reportagens de capa para o periódico, um feito incrível para qualquer repórter. Aproveitando o material recolhido, em 1993, o autor publicou seu primeiro livro: **Lenin’s Tomb: the last days of the soviet empire**. A publicação acompanha os últimos dias da União Soviética, apresentando falhas na estrutura do país, que já caminhava para uma gigantesca mudança política. Com essa publicação, Remnick recebeu, em 1994, o Prêmio Pulitzer de não ficção e o Prêmio George Polk por excelência em Jornalismo. Começou, nesse momento, a sua carreira como autor de sucesso.

³ No original: “*Nobody else wanted to go. It’s cold, in those days if you wanted a box of coffee, you had to order it from Denmark. So I got to go — I was 28, 29 — and it was the best kind of foreign story: really exciting, constantly changing, intellectually fascinating, ethnically various. It was heaven for a repórter*” (REMNIK *apud* WOOD, 2006).

Outra grande virada em sua trajetória ocorreu em 1998, ano de publicação do seu segundo livro, **O Rei do Mundo**. Com uma carreira já consolidada como jornalista, Remnick aceitou o cargo de Editor da revista *The New Yorker*, em que já tinha publicado mais de 100 textos desde sua primeira contribuição, em 1992. Com a saída de Tina Brown, assumiu o comando de uma das revistas semanais mais reconhecidas dos Estados Unidos e do Mundo. Com um volume de contribuições inferior àquela realizada no passado, o autor seguiu escrevendo para o periódico, além de ser o Chefe de Edição.

Desde que Remnick assumiu o comando, a *The New Yorker* recebeu 149 indicações para o National Magazine Awards, vencendo 37 vezes. Em 2001 e, novamente, em 2005, a revista venceu o prêmio em cinco categorias, algo sem precedentes no mercado editorial norte-americano. Individualmente, no ano de 2000, o autor foi indicado para o prêmio de editor do ano pela *Advertising Age*.

Como autor de não ficção, Remnick publicou seis livros ao todo. Além de **Lenin's Tomb** (1993) e **King of the World** (1998) — objeto de estudo deste trabalho —, o escritor também lançou **The Devil Problem: and other true stories** (1996), **Resurrection: the struggle for a new Russia** (1997), **The Bridge: the life and rise of Barack Obama** (2010) e uma série de coleções com artigos produzidos para a *The New Yorker*. No Brasil, o jornalista teve quatro trabalhos publicados pela Editora Companhia das Letras: **Dentro da Floresta: perfis e outros escritos da revista New Yorker** (2006), um compilado de perfis escritos por Remnick durante seus anos como jornalista, com personalidades variadas, de Philip Roth a Mike Tyson; **A Ponte** (2010), em que o autor conta a trajetória de ascensão do Presidente norte-americano Barack Obama — a obra teve grande repercussão política nos Estados Unidos, por investigar documentos que comprovaram o nascimento de Obama no país, apesar das acusações da oposição —; **O Rei do Mundo** (2011), lançado em edição de bolso, dentro da série de Jornalismo Literário da Editora; e **Estamos Vivos** (2013), retratando o perfil do ídolo do rock Bruce Springsteen, também da série de Jornalismo Literário, lançado em *e-book*.

Diferentemente de outros jornalistas citados pelo próprio Remnick em **O Rei do Mundo**, como Robert Lipsyte, o autor não teve uma grande proximidade com o esporte em sua trajetória. Em entrevista realizada na Columbia University Graduate School of Journalism⁴, o profissional explica não ser amante do boxe, mas valorizar a figura do boxeador. Dentre tantos esportistas, os pugilistas têm, segundo o jornalista, algo de diferente,

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cFOrAh46lqc>

que foge das respostas padronizadas. Talvez aí esteja a origem do interesse do escritor por Ali, Tyson, Lewis, Atlas e outras personagens ligadas ao mundo do boxe. O Jornalista Nick Pitt, do *Sunday Times*, no artigo *The Whole World in His Hands*, aponta pequenos erros históricos do pugilismo, apresentados por Remnick. Fatos que, para alguém sem domínio do tema, passam completamente despercebidos.

Atualmente, Remnick segue como Editor da revista *The New Yorker*, para qual ainda produz textos. Na vida pessoal, o jornalista e escritor tem três filhos, Alex, Noah, e Natasha, e viaja pelo Mundo, falando sobre suas obras.

3.2 O Rei do Mundo

Quando questionado sobre a capacidade de retratar a vida de uma pessoa, Remnick foi enfático:

Eu não acredito que seja possível ter uma visão de 360 graus sobre ninguém, nunca. Quero dizer, no sentido mais profundo. Imagine, por um segundo, o que uma pessoa é, a vida interior, a vida no dia a dia, a singularidade de sua visão ou loucura, ou realização, suas paixões, vida sexual, família, tudo isso. Pessoas são muito complicadas, então, um perfil não pode pretender ser tão completo. Precisa ter um ponto de vista, precisa deixar algumas coisas de fora (REMKNICK, 2010, tradução nossa)⁵.

Nessa passagem da entrevista realizada na Columbia University Graduate School of Journalism, Remnick expressa sua opinião sobre perfis. Estilo de texto clássico da *The New Yorker*, o Perfil Jornalístico é a base para o processo biográfico apresentado pelo autor em **O Rei do Mundo**; dessa forma, fica claro, mesmo para o escritor, que sua obra é um recorte, uma visão sobre um dos maiores atletas de todos os tempos.

O Rei do Mundo (2011) é composto por 375 páginas, na edição da Companhia das Letras, e dividido em quatro partes, com 16 capítulos, além do *Prólogo* e do *Epílogo*. No *Prólogo*, intitulado *Em Michigan*, Remnick descreve sua visita para entrevistar Muhammad Ali em seu sítio, onde vive com Lonnie, sua quarta esposa. As primeiras linhas apresentam o cenário da primeira disputa de Cassius Clay pelo título mundial dos pesos-pesados contra “O Urso” Sonny Liston. Logo é possível entender que a proposta de Remnick é — além de conhecer Ali pessoalmente, para compor sua obra — ver a reação do ex-campeão ao

⁵ No original: “I don’t think is possible to get a 360 degree view at all of anyone ever. I mean in the deepest sent. Imagine for a second what a person is, the interior life, the life day to day, the uniqueness of that person’s vision or foolishness or accomplishment, his or her passions, sex life, family, all this. People are God damm complicated so a profile can’t pretend to be complitest. It has to have a point of view, has to leave some things out” (REMKNICK, 2010).

relembrar, assistindo a um vídeo projetado, a única luta em que admite ter sentido medo no ringue.

A Parte Um do livro é dividida em quatro capítulos. No primeiro, *Homem Subterrâneo*, Remnick apresenta um dos antecessores de Muhammad Ali como campeão mundial de boxe, Floyd Patterson. Em 27 páginas, o escritor mostra a origem do boxeador — primeiro a reconquistar o título — em forma de perfil, incluindo sua história, traços pessoais e depoimentos. Patterson ficou conhecido por ser um peso-pesado “leve” e de personalidade melancólica, como traz Gay Talese em seu perfil para **Fama e Anonimato** (2004). O segundo capítulo, chamado *Dois Minutos, Seis Segundos*, relata a derrota de Patterson para Sonny Liston, logo após ter reconquistado o título diante do sueco Ingemar Johansson. O nome, obviamente, remete ao tempo de duração da luta, um vexame para um combate de tamanha importância. O capítulo seguinte, intitulado *Sr. Fury e Sr. Gray*, é o perfil do novo campeão, Sonny “*The big bear*” Liston. Mais uma vez, Remnick utiliza a sua experiência de escrever na *The New Yorker* para apresentar a personagem do “*bad negro*”, o ex-presidiário, que não teve acesso à educação, preso nas garras da máfia. *Despido*, o último capítulo da Parte Um do livro, descreve a revanche entre Sonny e Patterson, além de acompanhar algumas cenas que antecederam o embate entre Liston e Ali, na época, mais conhecido por sua boca grande.

Essa primeira parte da obra de Remnick é a mais lembrada nas críticas e resenhas sobre o livro. A técnica do autor de apresentar os antecessores de Ali como “reis do Mundo” ajuda a delimitar a construção da personagem revolucionária que viria a ser o jovem Cassius Clay. A crítica do *The New York Times*, de Budd Schulberg, aponta essa divisão do escritor.

Escolhendo focar os dois predecessores de Ali, primeiramente, Floyd Patterson e, depois, Sonny Liston, o autor, agradavelmente, define o cenário para o impacto que o **Rei do Mundo** causaria, quando estivesse pronto para deixá-los de lado para tomar o centro do palco. (SCHULBERG, 1998, tradução nossa)⁶.

Em uma matéria para a *Sports Illustrated* — reconhecida como uma das mais importantes revistas de esportes dos Estados Unidos —, os Jornalistas Jack McCallum e Richard O’Brien também ressaltam o processo de comparação criado por Remnick na sua estratégia de apresentar para o leitor o seu herói:

Liston surge aqui, por toda a sua presença ameaçadora e passado sórdido, como uma figura simpática e quase trágica. Patterson também parece ser um caso triste, um atleta abençoado desmoralizado por uma falta de confiança e urgente necessidade de aprovação. O herói de Remnick, o antigo Cassius Clay, não sofre nem com a

⁶ No original: “By choosing to focus on Ali’s two predecessors as champions, first Floyd Patterson, then Sonny Liston, the author nicely sets the scene for the impact the Greatest would make when he was ready to shove them aside to take center stage” (SCHULBERG, 1998).

angústia de Patterson nem com a truculência de Liston (McCALLUM; O'BRIEN, 1998, p. 32, tradução nossa)⁷.

Apenas na Parte Dois do livro, entra-se na vida de Muhammad Ali. No Capítulo 5, *O Ladrão de Bicicletas*, Remnick conduz o leitor pela história do jovem Cassius Marcellus Clay, revelando seus primeiros interesses em pugilismo e os sofrimentos de um jovem negro em Louisville, nas décadas de 40 e 50 do século XX.

No sexto capítulo, o foco do autor é a ascensão do jovem pugilista, que, após vencer a medalha de ouro nas Olimpíadas de Roma, em 1960, começou a galgar sua posição entre os melhores pesos-pesados do Mundo, apesar da pouca idade. *Exuberância do Século XX*, nome do capítulo, refere-se ao novo mundo descoberto pelo boxeador nos seus primeiros anos de fama.

No capítulo *Segredos*, o boxe é deixado um pouco de lado, para ser apresentada a ligação do boxeador com a Nação do Islã. O texto descreve as primeiras aproximações com Elijah Muhammad, relação que seria decisiva para sua importância no cenário político nacional, além de constituir-se na principal razão para a mudança de nome de Cassius Marcellus Clay para Muhammad Ali. No final do capítulo, as lutas que levaram o protagonista até a disputa pelo título mundial voltam à tona.

No Capítulo 8, *Sensação*, com a disputa de título já agendada, a atenção volta-se para a figura ainda desacreditada de Clay. O jovem falastrão surge como mais um a ser derrotado por Liston com certa facilidade. Interessante, nesse ponto do livro, é a valorização de seus companheiros de profissão, pois, ao apresentar o cenário de cobertura da época, Remnick retrata Talese e seu “sucessor” Robert Lipsyte — o primeiro jornalista a reconhecer o potencial de Ali.

A Parte Três do livro é voltada para a disputa Clay *versus* Liston. No entanto, o primeiro capítulo, *A Cruz e o Crescente*, mostra os preparativos e as preocupações de Clay referentes à sua imagem perante a mídia, devido à ligação com a Nação do Islã. Além disso, Remnick ainda apresenta a quebra dentro do próprio movimento, quando Malcom X, já uma pessoa muito próxima a Ali, se afasta de Elijah Muhammad.

Caça ao Urso é o décimo capítulo do livro. Nele, o escritor descreve os encontros oficiais entre os combatentes, na coletiva oficial e na pesagem antes da luta, algo padrão que existe até hoje, em todo grande evento de artes marciais. O título remete ao apelido de Liston,

⁷ No original: “Liston emerges here, for all of his menacing presence and sordid past, as a sympathetic, almost tragic figure. Patterson, too, is seen as a sad case, a gifted athlete demoralized by self-doubt and his urgent need for acceptance. Remnick’s hero, the former Cassius Clay, suffers from neither Patterson’s angst nor Liston’s truculence” (McCALLUM; O'BRIEN, 1998, p. 32).

“O Grande Urso”, dado por suas potência e força. Ironicamente, Clay debochava do adversário por ser um urso burro, um brutamontes sem cérebro.

Eat Your Words!, em português, *Engula Suas Palavras!*, é o título do capítulo referente à luta entre Clay e Liston. O texto descreve os momentos antes da luta, a noite anterior dos oponentes, a entrada dos atletas no ringue, as apreensões e os assaltos. O nome, novamente, tem ligação com o real. Após vencer e assumir o maior posto do boxe mundial, o recém-declarado campeão correu em direção aos jornalistas para gritar: “‘Eu sou o rei!’ gritou. ‘Sou o rei! O rei do mundo! Engulam suas palavras! Engulam suas palavras! *Eat your Words!*’”(REMKNICK, 2011, p. 232).

O capítulo seguinte, *O Desafio*, acompanha o pós-luta, o posicionamento do campeão em se assumir membro da Nação do Islã publicamente para a imprensa e o rompimento com o amigo Malcom X, além de retratar a repercussão da troca de nome: Cassius Clay deixou seu “nome de escravo” para se tornar Muhammad Ali. É interessante, neste ponto, ressaltar que, por um breve período, Ali pedia para ser chamado de Cassius X, uma composição de nome que representa a ausência de sobrenome, já que esse se originava do proprietário de seus antepassados.

No princípio da quarta e última parte, Remnick reserva um espaço para refletir sobre a relação entre a comunidade negra e o boxe. No capítulo *Salve-me, Joe Louis...*, relembra um pouco a trajetória do ex-campeão, ligando sua vida de limitações e submissões ao momento de ascensão de Ali, quando o posicionamento como um negro muçulmano chamou a atenção da mídia. O texto ainda relata o casamento de Ali com Sonji e o acordo para a revanche na disputa pelo título mundial dos pesos-pesados.

No capítulo seguinte, *Tiroteio*, é narrada a preparação de Ali e Liston para a revanche, período em que Malcolm X é assassinado durante uma palestra. Os rumores a respeito dos negros muçulmanos começaram a afetar os preparativos para a luta, que foi confirmada para maio de 1965.

O Soco Âncora relata o segundo embate entre Ali e Liston, o primeiro com esses nomes no cartaz. Para a surpresa e a desconfiança de muitos presentes, como traz Remnick, a disputa durou pouquíssimo tempo, o suficiente para levantar a suspeita de muitas pessoas sobre a credibilidade do resultado. Estaria o ex-campeão com medo da “seita” dos negros norte-americanos? O nome do soco, que batizou o capítulo, foi dado pelo próprio Ali, por se tratar de um golpe capaz de puxar qualquer um para baixo.

O último capítulo do livro, *O Que Há Num Nome?*, mostra algumas mudanças na vida de Ali, após o título conquistado: a separação da mulher Sonji, as declarações

segregacionistas, o posto de líder absoluto no *ranking* mundial de boxe. Por fim, Remnick descreve o confronto diante de Patterson, uma vitória acachapante do campeão.

No *Epílogo*, o autor explica, superficialmente, o embate de Ali com o Governo norte-americano, após se negar a servir o Exército na Guerra do Vietnã; apresenta a decadência de Sonny Liston, que o levaria à morte poucos anos após perder o título — trazendo a figura de Mike Tyson como comparativo ao antigo pugilista — ; e expõe uma curta entrevista realizada com Patterson, que encaminha o livro para os acontecimentos seguintes na trajetória de Muhammad Ali, até regressar à figura debilitada do ex-Rei do Mundo, exibida no *Prólogo*.

Neste ponto, após expor o objeto de análise, é interessante classificar o trabalho de Remnick a partir da categorização apresentada por Vilas Boas (2002) a respeito de Biografia. Segundo o autor, cada biografia demanda um contrato de serviço diferente. Apesar de não utilizar categorias como *biografia científica* ou *biografia jornalística*, como mencionado anteriormente, o pesquisador diferencia quatro tipos de contrato que alteram o modo de produção do relato biográfico. Cada acordo muda a capacidade do escritor de ter acesso a pessoas, arquivos pessoais, renda, dentre outros materiais necessários para a produção da biografia. A classificação de Vilas Boas divide-se em: *biografias autorizadas*, escritas e publicadas com o conhecimento e a aprovação do biografado ou de seus familiares, dependendo do caso, em relação aos direitos de imagem; *independentes*, também conhecidas como não autorizadas, em que o autor não tem o consentimento oficial do biografado; *encomendadas*, quando o trabalho é oferecido a um escritor, seja por parte de um editor, seja da própria família da personagem; e, por último, *ditadas*, em que o escritor funciona como um *ghostwriter*, como uma autobiografia escrita à quatro mãos.

No caso de **O Rei do Mundo**, tem-se uma biografia autorizada. Por sua posição como escritor premiado e editor de uma das maiores revistas dos Estados Unidos, Remnick teve acesso ao protagonista Muhammad Ali e a outro personagem importante, Floyd Patterson. Como destaca Vilas Boas (2002), escrever uma biografia autorizada facilita o acesso a documentos, arquivos, correspondências e diários da pessoa. No caso específico de Ali, o acesso à pessoa é mais significativo. Como foi relatado no capítulo anterior, o biógrafo norte-americano Steve Weinberg (1992) destaca como o nicho da escrita biográfica foi tomado por jornalistas investigativos. Assim, a proximidade de Remnick com o fazer jornalístico permitiu a ele buscar, com certa facilidade, outras biografias, além de diversas fontes e matérias de jornal sobre os acontecimentos da década de 60. Segundo os agradecimentos da edição brasileira, foram entrevistadas 56 pessoas para a produção de **O Rei do Mundo**, sem contar o

processo de investigação em jornais, revistas livros, dentre outros materiais de pesquisa para o autor.

3.3 Boxeadores em livros

“Eu não amo boxe, Muhammad Ali foi o que me levou a fazer isso”⁸ afirmou Remnick (2010, tradução nossa) em entrevista concedida na Columbia University Graduate School of Journalism, ao comentar a produção de **O Rei do Mundo**. Essa não foi a primeira nem será a última biografia sobre Muhammad Ali. Escolhido pela *Sports Illustrated* como o atleta do século XX, o pugilista alcançou um nível de reconhecimento mundial, sendo considerado o “quinto Beatle” na década de 60. Em sua resenha para o *website* do *The New York Times*, Schulberg (1998) exalta a figura de Ali, comparando-o aos maiores de todos os esportes, como Michael Jordan e Babe Ruth, dessa forma, alcançando uma fama transcendental. Em 1978, por exemplo, a DC Comics lançou a revista em quadrinhos *Superman vs Muhammad Ali*, o que dá uma ideia da magnitude da fama e da popularidade do pugilista.

Mesmo que o esporte tenha perdido espaço na mídia, nos últimos anos, ficando restrito a emissoras especializadas, as trajetórias de boxeadores têm uma longa tradição de produção literária a seu respeito. Em sua crítica sobre o livro de Remnick, L. S. Klepp aponta uma direção: “Não é surpreendente que boxe tenha fascinado tantos escritores. Dois indivíduos sozinhos em flagrante confronto existencial, seus destinos, suas ascensões e quedas feitas literais e visíveis” (KLEPP, 1998, tradução nossa)⁹. Em sua coletânea de perfis, **Dentro da Floresta: perfis e outros escritos da revista New Yorker**, Remnick (2006, p. 507) ressalta como o esporte se diferencia de outros em sua tradição: “[...] as lutas pelos campeonatos mundiais dos pesos-pesados são invariavelmente sobrecarregadas com a solenidade de sentidos mais profundos”. Talvez por isso, a biografia de Ali não tenha um foco apenas no esporte, a figura histórica de Ali e o ambiente em que ela é construída ganham grande importância no texto do autor, uma característica das obras similares.

Em 1975, Norman Mailer, lançou **A Luta**. O texto, também de Jornalismo Literário, acompanha o enfrentamento de Ali contra o campeão George Foreman, em 1978, no Zaire (atual República Democrática do Congo), uma disputa conhecida como *Rumble in the Jungle*.

⁸ No original: “I don’t love boxing, Muhammad Ali was what got me to do that” (REMNICK, 2010).

⁹ No original: “It’s not surprising that boxing has fascinated so many writers. Two individuals alone in stark existential confrontation, their fates, their risings and fallings, made literal and visible” (KLEPP, 1998).

Da mesma maneira que Remnick, Mailer transforma a luta em uma disputa de duas ideologias no ringue: de um lado, o *establishment* branco, representado por Foreman, do outro, a expressão da autonomia negra norte-americana na figura de Ali, que voltava após ser afastado do pugilismo depois de sua luta judicial com o Governo dos Estados Unidos. Gay Talese, outro escritor jornalista muito famoso por suas peças de não ficção, também explorou o boxe como fonte de inspiração e meio de discutir algo além da batalha entre dois homens para multidões. Em 1962, o jornalista publicou na revista *Esquire* o ensaio *Joe Louis: the king as a Middle-aged Man*. Louis, renomado campeão dos pesos-pesados, é considerado um dos maiores boxeadores de todos os tempos e conhecido por suas históricas disputas com Max Schmeling, no auge dos períodos de tensão da Segunda Guerra Mundial. No artigo, Talese mostra uma ainda novidade para a época, as características do Jornalismo Literário que seguiriam na sua obra. O texto começa, por exemplo, com um diálogo entre o ex-campeão e sua esposa e acompanha momentos da vida de Louis, quando ele já perdera o posto de líder do *ranking* mundial. Essa não é a única obra de Talese que envolve Jornalismo Literário e boxe. Após trabalhar anos cobrindo disputas nos ringues, o jornalista desenvolveu uma amizade com Floyd Patterson, que culminou no perfil, publicado também pela revista *Esquire* em 1964, *The Loser* (O Perdedor). Nele, é possível acompanhar a figura humana de Patterson, um homem atormentado por medo e melancolia. No Brasil, o texto foi publicado na coletânea *Fama e Anonimato* (2004), de Gay Talese. Interessante aqui é ressaltar como, de diferentes maneiras, a luta em si é colocada de lado, para se acompanhar outra possibilidade, outras facetas possíveis. Se a escrita não aborda o macro, como fazem Remnick e Mailer, ela se volta para o particular, como faz Talese.

No *Posfácio, A Luta das Palavras e a Arte dos Socos*, o jornalista e escritor brasileiro João Gabriel de Lima faz uma breve ligação entre boxe e Jornalismo Literário. “[...] ambos, boxe e jornalismo, tiveram sua década de redenção nos anos 1960.” (REMICK, 2010, p. 352). Para ele, o surgimento e a definição das obras de não ficção culminaram no mesmo período em que boxeadores se projetaram fora do ringue, uma geração de ouro que foi relevante no campo político e fez parte da cultura pop do período. Outro ponto interessante levantado por João Gabriel de Lima é a importância dada por Remnick aos jornalistas e cronistas do espaço de tempo retratado. Norman Mailer, James Baldwin, George Plimpton, Jimmy Cannon e Talese, por exemplo, receberam maior atenção do autor, comparativamente a uma figura como Archie Moore, um lutador veterano que fez parte da trajetória de Ali, não só como combatente, mas como companheiro, por um curto período, de treino. Robert Lipsyte é apresentado por Remnick como “o cronista de Muhammad Ali”, por acreditar no potencial

do jovem Cassius Clay e pela proximidade que teve com o campeão em sua carreira profissional. Em 1978, Lipsyte também foi mais um a lançar uma biografia sobre Ali, com o título **Free to be Muhammad Ali**, em que descreve a trajetória do campeão mundial, aproveitando seu contato próximo com o lutador.

No entanto, apesar da reflexão de Remnick sobre a potencialidade da figura de Ali e a grande capacidade que boxeadores tiveram de se tornar algo além de meros pugilistas, é importante trazer uma opinião do autor de **O Rei do Mundo** sobre a pessoa de Muhammad Ali. Em entrevista para a *Jot Down Cultural Magazine*, realizada por Ramón Lobo— revista cultural *online* da Espanha —, o jornalista explica seu posicionamento em relação ao The Greatest:

Bem, primeiramente, preciso dizer que Muhammad Ali não era um pensador político. Não vamos exagerar sua figura. Ele era um atleta, ele era um belo atleta, que foi o campeão do esporte com o qual as pessoas não se importam mais neste país. Eu não sigo mais tanto assim, eu me importo muito mais com Muhammad Ali do que eu me importei com boxe, mesmo naquela época (LOBO, 2013, p. tradução nossa)¹⁰.

A ligação entre Jornalismo e boxe dá-se muito mais pelas figuras dos boxeadores, que tiveram sua época de ouro junto com a de grandes escritores de não ficção. Porém o esporte em si parece ter saído do foco das pautas, apesar de que atletas ainda são donos de histórias de vida interessantíssimas para possíveis biografias. O detalhe está no indivíduo, não no esporte.

¹⁰ No original: “Well, I have to say first that Muhammad Ali was not a political thinker. Let’s not exaggerate his figure. He was an athlete; he was a beautiful athlete, who was the champion of the sport most people don’t care about anymore in this country. I don’t follow it much anymore. I cared a lot more about Muhammad Ali than I did about boxing even then” (LOBO, 2013).

4 MÉTODO

4.1 A narrativa

Antes de trazer os conceitos de narrativa, é interessante listar os motivos citados por Motta (2013) do por que é importante estudar as narrativas. O autor — base para este subcapítulo — dá seis justificativas para se estudar a narrativa. Em primeiro lugar, deve-se *estudar a narrativa para entender quem somos*: a ideia aqui apresentada é a de que é da natureza do ser humano organizar sua história em um formato narrativo. O homem ordena suas ideias, encadeia-as em diversas relações, para criar um formato de narrativa. Desse modo, tanto pensamentos de senso comum quanto experiências particulares têm uma natureza narrativa que ajuda o indivíduo a entender a si mesmo, como um paciente que conta a sua trajetória para o analista.

Em segundo lugar, precisa-se *estudar as narrativas para entender como os homens criam representações e apresentações do mundo*. Segundo Motta (2013), as narrativas ajudam a constituir a realidade humana. As pessoas apreendem narrativamente a realidade, e mesmo as narrativas ficcionais são importantes para “testar” a mesma. Nesse ponto, o autor ainda traz as ideias do pesquisador português João M. Mendes, para explicar que o ficcional é um instrumento fundamental para a constituição e a instituição do mundo para o sujeito e a sociedade.

O terceiro motivo é bastante relevante e será retomado mais adiante neste capítulo: *estudar as narrativas é importante para esclarecer as diferenças entre representações factuais e fictícias do mundo*. Muito próximo da segunda listada, essa justificativa será retomada depois, ao se analisar a narrativa jornalística e diferenciá-la da ficcional.

Em quarto lugar, *a lógica narrativa serve igualmente para enunciados tão diferentes como a literatura ficcional e a historiografia fática*. Novamente, o debate sobre as possibilidades das narrativas de ficção e aquelas baseadas no real será retomado no decorrer deste trabalho, mas é importante apontar aqui como o objeto de análise desta monografia, a Biografia — como uma forma híbrida —, mistura os dois estilos de narrativa, ora aproximando-se da historiografia, ora ligando-se à literatura.

A quinta razão é que, ao estudar a narrativa, se identifica *como indivíduos e sociedades cotejam o excepcional e o consuetudinário, a fim de tornar familiar o que antes era não familiar*. Segundo o autor, muito da busca por informação vem dessa vontade natural de tentar entender o desconhecido. Dessa forma, mesmo em narrativas ficcionais, o instinto

do homem é procurar preencher as lacunas de conhecimento com mais informação. Desse modo, a narrativa do fantástico e a do real encaixam-se nessa sede por tornar familiar aquilo que é distante.

Provavelmente, a mais simples razão apresentada pelo autor é a sexta: *precisa-se estudá-la para melhor contá-la*. De acordo com Motta (2013), convive-se com narrativas nos mais diferentes aspectos de nossas vidas, desde relatar algo acontecido a um amigo até ver um filme no cinema, assim, quanto maior o conhecimento, melhor se convive e se produzem histórias.

De forma resumida, é importante estudar narrativa por se tratar de uma prática humana universal, constituinte das nossas experiências, que reflete nossa relação com o mundo, real e irreal. O homem, naturalmente, é um ser narrativo.

Expostas as razões de Motta (2013), é interessante apresentar os diferentes conceitos de narrativa. De acordo com Sodr e e Ferrari (1986), narrativa   qualquer discurso capaz de evocar um mundo, seja ele real, seja hipotético, situado em um determinado espaço. Dessa forma, muitos estilos de texto poderiam suscitar narrativas, desde poesias e contos literários até reportagens, biografias e perfis.

Sodr e (2009) também dá diferentes defini es para narrativa. O autor apresenta a visão do escritor francês Maurice Blanchot, que foge bastante das defini es anteriores. A narra o não seria o relato do acontecimento, mas, sim, o próprio processo de relato do acontecimento. Nesse caso, a narrativa   uma fun o criadora do que se narra, como uma obra de fic o. O escritor aqui define que não   necessário um fato para existir uma representa o, o pensamento predomina sobre os episódios da realidade. Outro autor lembrado   Gérard Genette, teórico contemporâneo de Blanchot, que define narrativa como enunciado narrativo que assume a rela o do acontecimento, seja ele um discurso oral, seja escrito. A concep o de narrativa do próprio Sodr e (2009), entretanto, afirma que narrar   relatar uma história, criar uma f bula, ou seja, um texto que apresente uma série de acontecimentos em ordem lógica e relacionados cronologicamente. Motta (2009, p. 4, grifo do autor) explica que “[...] as narrativas passam a ser compreendidas não apenas como representa o das coisas nem como *constructos* culturais, mas práticas de empalavramento sucessivo da realidade para enfrentar a complexidade do mundo”. Sendo assim, a análise parte do texto, mas busca a linguagem da comunica o narrativa.

Neste trabalho, a concep o de narrativa adotada aproxima-se mais das visões apresentadas por Sodr e (2009) e Motta (2005, 2007, 2013). Outro ponto crucial no estudo das narrativas — também abordado por diversos autores —   uma das razões apontadas por Motta

para valorizar o seu estudo, a sua capacidade de representar o real e o ficcional, ao mesmo tempo em que os constrói. Sodré e Ferrari (1986) lembram que a narrativa não é exclusividade de obras literárias e ficcionais. O Jornalismo, em uma notícia diária, como um atropelamento, já é capaz de criar uma narrativa. O próprio lide — padrão de questões respondidas nas primeiras linhas de uma notícia (quem?, o quê?, quando?, onde?, como?) — corresponde a um sistema que gera uma narrativa própria do Jornalismo, a qual será tratada, com mais afinco, posteriormente. Para Motta (2013), o que diferencia uma narrativa ficcional de uma factual é a vontade de sentido. Se o objetivo do narrador é traduzir fielmente um fato, ele apresenta seu relato de forma *dessubjetificada*, tentando tirar completamente o subjetivo de sua narrativa, na tentativa de expressar a verdade, mostrar o mundo tal como ele é. A narrativa usa artifícios para transmitir essa ideia. A linguagem, por exemplo, é referenciada, repleta de citações, números, estatísticas, referências espaço-temporais, para que o leitor assista a tudo como algo transmitido diretamente do real. Para exemplificar esse estilo de narrativa, o autor traz o Jornalismo e a Historiografia, que querem traduzir realisticamente o Mundo, produzindo o efeito do real. É interessante aqui ressaltar como o real é o efeito produzido pelo discurso, sendo uma espécie de pacto entre narrador e público.

4.1.1 A narrativa jornalística

Segundo Motta (2013), o texto narrativo pode aparecer de diferentes formas no trabalho jornalístico, em um texto longo, como o de uma reportagem especial, ou em uma sequência de notícias sobre um determinado assunto. No entanto, o autor foca-se na narrativa do *Hard News*, para explicar como funciona a narrativa no Jornalismo. O termo jornalístico refere-se à notícia clara, direta e enxuta das editoriais “clássicas” — de economia, política, internacional, de esportes, etc. —, que visam à representação do real através do lide. A montagem da notícia em si é um dos pontos de destaque de Motta (2013). Segundo o pesquisador, a necessidade do profissional de colocar as informações mais relevantes sobre o assunto logo no primeiro parágrafo, do maior ao menor grau de importância, inverte completamente a lógica da narrativa tradicional. A história — o chamado acontecimento-intriga — contada pela notícia já se inicia com toda a informação necessária e, aos poucos, dá ao leitor maiores componentes para formar a narração completa. Em uma sequência de notícias sobre um mesmo assunto — “caso fulano” —, a novidade é relatada no lide, enquanto o contexto e a explicação da história total é dada no decorrer do texto.

Dessa forma, Motta (2013) explica como a narrativa jornalística utiliza a técnica literária de trazer à tona os fatos *in media res*, iniciando sua narrativa pelo meio ou final da história a ser contada. Segundo Sodré (2009), a diferença de técnica narrativa do Jornalismo desenvolveu-se a partir da evolu o das tecnologias. O “nariz de cera” — expresso do campo para designar uma abertura de notícia com maiores detalhes, com um estilo mais literário — perdeu espaço diante da informa o sint tica. O teletipo, por exemplo, foi uma das tecnologias que contribuiu para a constru o mais direta e objetiva da narrativa jornalística. Assim, o texto informativo suprime consideravelmente as peculiaridades da linguagem dos indivíduos em benefício de uma comunica o rápida e indistinta (SODRÉ, 2009).

Ricoeur (1994), ao tratar do *acontecimento-intriga*, sugere como funciona esse sistema no tecer da narrativa. Segundo o autor, a liga o desses elementos dispersos e heterog neos (meios, fins, circunstâncias) funciona para criar uma unidade. Para ele, seguir uma história   avançar no meio de contingências, na expectativa de encontrar a concluso, o final da intriga. Essa síntese que o escritor traz   capaz de dar significado a um conjunto de elementos diferentes, o que o autor chama de mimese. Para Ricoeur (1994), esse processo funciona em três etapas. A primeira   uma fase preliminar, em que a tessitura da intriga se d  através de media es simbólicas, indutoras de narrativas, anterior   narra o em si. Como traz Motta (2013, p. 79). “[...] a atitude narrativa antecede os acontecimentos: o contar   precedido de uma pr -estrutura narrativa que estabelece uma meta, algo a explicar, um estado a alcançar”. A segunda etapa   o processo das opera es de configura o da tessitura da intriga ou de composi o do enredo. Essa mimese faz uma media o entre a pr -compreensão (montante) e a p s-compreensão (jusante) (MOTTA, 2007).

Nesse ponto, tem-se o trabalho de criar uma estrutura lógica e narrativa a partir de acontecimentos heterog neos e desconexos. Por fim, o autor aponta a terceira parte da mimese, que acontece não mais no produtor da narrativa, mas no leitor, quem recebe a informa o. Segundo Ricoeur (1994), o ciclo só se fecha, quando existe a conexo entre o mundo do texto e o mundo do receptor — fato que pode unir-se ao ponto de partida da mimese, criando uma circularidade.

  interessante aqui fazer um paralelo entre a análise do *acontecimento-intriga* de Ricoeur — que não se refere apenas ao Jornalismo — e a importância do campo no que Motta (2013) refere como a capacidade de constituir a realidade.

Ao realizar essa recomposi o do acontecimento-intriga, passamos a compreender a mimese jornalística não apenas como atividade de representa o realista difusa do real f tico, mas como uma atividade produtora de sentidos culturais, uma mimese histórica instituidora da realidade [...] (MOTTA, 2013, p. 99).

Dessa forma, é possível entender — como o próprio autor traz — o Jornalismo como a narrativa hegemônica na construção do imediato e do senso comum, ganhando relevância diante de outras narrativas fáticas. É a produção jornalística que torna os acontecimentos do presente inteligíveis, faz os incidentes tomarem forma como uma sequência, recebendo, assim, uma significação, mesmo que provisória (MOTTA, 2013).

4.2 Análise pragmática da narrativa

Neste trabalho, a metodologia utilizada é a análise pragmática da narrativa, um método sugerido por Motta (2013) que combina elementos da narratologia literária com a fenomenologia. Com ela, a partir de uma narrativa, é possível estudar significados, intenções e construções do autor dentro do texto. Aqui, como o foco é a construção da personagem, a intenção é examinar como o autor constrói a narrativa da biografia para criar o protagonista da história. Com a união dessa metodologia com os conhecimentos de personagem e Biografia, a análise do texto leva ao objetivo desta monografia. No entanto, antes de entrar nessa metodologia apresentada por Motta (2013), é necessário conhecer suas origens na narratologia literária.

A narratologia é “a teoria da narrativa e os métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas” (Motta, 2013, p. 75). Apesar de ser uma técnica de pesquisa relativamente nova, a sua origem remonta à Grécia Antiga, na **Poética**, de Aristóteles. No texto em que o filósofo passa conhecimentos sobre a construção da narrativa ao seu discípulo Liceu, aparecem fatores determinantes para a análise em questão, como a realidade representada, a mimese, as personagens, os heróis, dentre outros. Escrita por volta de 335 a.C., **Poética** continha, originalmente, dois volumes, mas apenas o primeiro foi preservado, em idioma árabe, para, apenas em 1503, ter uma edição disponível em língua latina, elaborada pelos humanistas italianos. Muitos séculos depois, em 1928, aconteceu outro marco para a análise de narrativas: o russo Vladimir I. Propp publicou a primeira edição do livro **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Menosprezada na União Soviética, a obra ganhou importância apenas quando, na década de 50, o antropólogo francês Levy Strauss utilizou o livro em suas próprias análises dos mitos religiosos indígenas (MOTTA, 2013).

A importância de Propp para o campo é bastante significativa. No livro, o escritor russo desenvolveu análises de contos infantis europeus maravilhosos, sendo assim, seu foco de estudo não foi a literatura em si, mas a cultura popular. O texto do acadêmico estruturalista tornou-se um marco para a narratologia moderna, por, pela primeira vez, dar um *status*

científico (retirado da morfologia botânica) à crítica literária. A base estipulada por Propp foi referência para a análise estruturalista de cunho mais literário nos anos seguintes, principalmente com a publicação, no ano de 1966, da revista *Communications* sobre a análise estrutural da narrativa, com artigos de Roland Barthes, Umberto Eco, Tzvetan Todorov, Gerard Genette, dentre outros autores que estabeleceram um modelo narrativo para posteriores análises. O termo “narratologia” foi cunhado por Todorov, em 1970, para designar a análise e a teoria da narrativa, a partir de um estudo sobre a estrutura de contos italianos (MOTTA, 2013).

A análise da narrativa nasceu do esforço desses analistas para decompor em partes componentes estórias narradas, para achar uma gramática comum. No entanto, com o decorrer do tempo, a narratologia foi, gradualmente, desvinculando-se dessas correntes e sendo levada para outras áreas de estudo, como a Antropologia (novamente), a História, a área pragmática, a teoria dos atos discursivos, a teoria da comunicação, transformando-se, hoje, em uma teoria interpretativa da cultura. Entretanto muitos autores, como Sodré (2009), ainda enxergam a narratologia com uma visão estruturalista, como a disciplina voltada para teorizar os relatos narrativos, em busca de elementos comuns a esse tipo de enunciado. O conceito de narratologia utilizado neste trabalho não está tão ligado às bases estruturalistas de sua origem, mas ao caráter interpretativo e relativo sugerido por Luiz Gonzaga Motta.

Segundo Motta (2007), a narratologia estuda os sistemas narrativos dentro do contexto da sociedade, dedicando-se às produções narrativas, sejam elas fccionais (Jornalismo, Biografia, arquivos históricos), sejam ficcionais (contos, romances, roteiros). Dessa forma, o campo de estudo não se limita à Literatura, mas, sim, abarca uma vasta gama de produções culturais. Nessa concepção, a narratologia aproxima-se mais da Antropologia do que do campo linguístico, apesar de partir de obras para sua análise final. De acordo com Motta (2013), a análise de narrativa está mais próxima da Fenomenologia, por sua característica de buscar sentidos e interpretações nos fenômenos: o interessante não é o fato em si, ou simplesmente o texto a ser analisado, mas o sentido do fato, as possibilidades ligadas ao texto.

É importante salientar como a escolha dos termos e a construção textual fundamentam esse estilo de crítica, uma vez que “[...] a comunicação narrativa pressupõe uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de sequências encadeadas” (MOTTA, 2007, p. 145). Ou seja, cada escolha de código e modo de articular a sintaxe trabalha para construir o discurso narrativo. Como visto anteriormente, narrar não é contar ingenuamente uma história; por trás do processo de construção da narrativa, estão atitudes argumentativas e dispositivos de linguagem. Narrar é uma atitude que gera efeitos de

sentido a partir do relato. Assim, a análise precisa ser feita com base em um ponto de vista consciente de que a narrativa foi construída, argumentativamente, com propósitos e funções (MOTTA, 2013).

Outro ponto relevante da metodologia utilizada é o seu caráter pragmático. “A análise pragmática é o estudo dos princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação” (MOTTA, 2013, p. 128). Dessa forma, é um procedimento metodológico que tem foco na linguagem utilizada pelo emissor da informação, especialmente no que diz respeito a aspectos que extrapolam o estudo meramente gramatical. A intenção comunicativa é a chave para esse tipo de metodologia. Sendo assim, a análise pragmática da narrativa, proposta por Motta em seu livro **Análise Crítica da Narrativa** (2013), visa observar e entender como as pessoas compreendem e constituem argumentativamente o mundo através de relatos narrativos, ou seja, descobrir como a comunicação narrativa produz significados, seja ela oriunda de filmes, seja de obras literárias ou do Jornalismo, dentre outras. Neste trabalho, o eixo principal é a Biografia, para entender como é feita a construção da personagem, neste caso, não só classificando a figura em categorias, mas apontando significados ligados à personagem através da narrativa biográfica.

4.3 A personagem

As questões referentes à construção da personagem estão em debate desde Aristóteles. Em **Poética**, o filósofo grego aponta duas questões essenciais: a personagem como reflexo da pessoa humana; e a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto. Em seu escrito, Aristóteles evidencia o trabalho de entrelaçar possibilidade, verossimilhança e necessidade dentro de uma obra.

Portanto não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades. Assim sendo, parece razoável estender essas concepções ao conceito de personagem: ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação. (BRAIT, 1985, p. 31).

Ou seja, para o filósofo grego, a personagem está diretamente ligada às possibilidades dadas pela realidade. Já o poeta latino Horácio define personagens não apenas como reprodução de seres vivos, mas como modelos a serem explorados. Nessa perspectiva, o autor busca compor através de modelos humanos, ampliando a experimentação em relação aos estudos anteriores (BRAIT, 1985).

A partir da segunda metade do século XVIII, uma nova visão ganhou espaço. Não existia mais o entendimento de imitação do mundo exterior, mas, sim, projeções do próprio escritor. No entanto, ainda há uma clara relação com o ser humano, por se tratar de um ser antropomórfico. Já no século XX, a personagem passou a ser mais ligada à estrutura e ao enredo das obras do que à representação do homem. Com a concepção dos formalistas russos, quebraram-se as relações diretas com o ser humano e ganhou espaço a ideia de um ser de linguagem, tendo uma fisionomia própria. A personagem passou a ser vista como um dos componentes da fábula, adquirindo sua especificidade de ser fictícia no conjunto da trama, sob regras próprias (BRAIT, 1985).

Sobre a ligação da personagem com o real, Forster (1969) retoma o processo de criação do autor, para lembrar que as pessoas, num romance, podem ser extensões do leitor, amigos, histórias pessoais, tudo pode ajudar a compor, com maiores detalhes, uma personagem. Cândida V. Gancho (2006) afirma que, por mais real que possa parecer, a personagem é sempre uma criação, uma invenção do discurso narrativo, mesmo quando baseada em pessoas reais. Dessa forma, uma personagem só existe dentro do contexto da obra. Um Ali criado por Mailer não é o mesmo Ali trabalhado por Remnick. Apesar das mesmas referências com o real, a personagem só existe no enredo, seja ele ficcional, seja biográfico.

Candido (2011) lembra que a pessoa real é uma unidade concreta composta por infinitos predicados, dessa forma, não seria possível representar a sua totalidade. O autor ainda faz uma comparação com a visão fragmentada que se tem da realidade. Se a visão fragmentada é uma condição da experiência humana, na literatura, essa perspectiva funciona como o modo de ligar a ficção à realidade. Seria possível aqui, até mesmo, fazer uma ligação com a questão da Biografia. Sabendo que é impossível apresentar a totalidade de um ser, o biógrafo faz um recorte do fragmento que deseja mostrar ao leitor. Motta (2013) atenta para a dificuldade de, nas narrativas fáticas, separar a realidade histórica da representação discursiva. Na narrativa do biógrafo, o biografado “[...] é uma personagem da história narrada, por mais que se refira a um indivíduo de carne e osso, e retrate suas ações históricas concretas” (MOTTA, 2013, p. 190).

Para a análise final, são muitas as possibilidades de classificação apresentadas pelos diferentes autores que trabalham com personagens. Brait (1985) apresenta a classificação do semiólogo francês Philippe Hamon. De acordo com o teórico, é possível dividir as personagens em *referenciais*, *embrayeurs* e *anáforas*. As *referenciais* são aquelas que apresentam um sentido pleno e fixo, também conhecidas, às vezes, como históricas. Esse tipo

está ligado diretamente a uma cultura, e sua compreensão dá-se através da imersão nessa cultura. Um exemplo desse tipo de personagem é o herói ou o “mocinho”. As *embrayeurs* são as que funcionam como elemento de conexão e apenas têm sentido na relação com outros elementos da narrativa. Um exemplo é Watson, ajudante de Sherlock Holmes, que só existe diante da imagem de seu companheiro de investigação. As *anáforas* são aquelas que só podem ser realmente compreendidas dentro do contexto criado pela própria obra, dentro das redes de ligações da tessitura do texto.

Forster (1969) traz uma classificação a partir da profundidade das personagens. Segundo o autor, é possível dividi-las em planas e esféricas (redondas). Personagens planas são aquelas também conhecidas como personagens de temperamento, são tipos, muitas vezes, caricaturas. Toda personagem plana é construída a partir de uma única ideia ou qualidade, sendo possível descrevê-la como um todo em apenas uma frase. Essa figura é facilmente reconhecida pelo leitor, pelo fato de permanecer inalterada durante toda a narrativa, nunca surpreendendo. O autor, em sua obra, deixa subentendido o que é uma personagem esférica, afirmando estar esta em oposição à plana. A redonda seria, então, aquela mais complexa, quem tem a capacidade de surpreender o leitor. “O teste para uma personagem redonda está nela ser capaz de surpreender de modo convincente. Se ela nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana pretendendo ser redonda.” (FORSTER, 1969, p. 61). Candido (2011) ainda lembra que essas definições são posteriores e muito semelhantes às aquelas definidas pelo pensador inglês Samuel Johnson, no século XVIII. O escritor dividiu personagens em “de costumes” (Fielding) e “de natureza” (Richardson). As primeiras seriam apresentadas por traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados. Já os Richardson seriam as personagens exibidas para além dos traços superficiais, com uma descrição mais íntima e menos regulada.

Outra classificação possível é apresentada por Gancho (2006), quando divide as personagens por seus posicionamentos na trama. A autora separa protagonista e antagonista, o primeiro é aquele principal na narrativa, seja ele herói — com características superiores às do grupo —, seja anti-herói — com características iguais ou inferiores às dos demais, mas com uma posição de herói. Em oposição, está a figura do antagonista, que gera conflito, por suas características opostas ou por uma ação direcionada contra o protagonista. Por último, a autora ainda sugere a existência de personagens secundárias, as que têm uma menor participação, que funcionam ajudando o enredo a se desenvolver, como figurantes da história principal.

Motta (2013) leva a discussão para o cinema, visando a uma nova perspectiva sobre a personagem. O autor utiliza a classificação do roteirista norte-americano Syd Fields, que

diferencia três ações possíveis para uma personagem dentro da trama: (a) experimentar conflitos, para chegar a um objetivo necessário; (b) interagir com outras antagonicamente ou em parceria; (c) interagir consigo mesma, em relação aos seus sentimentos. É interessante aqui ressaltar como essa classificação é importante para entender como funciona o processo de criação de uma personagem, principalmente no que diz respeito à ficção, uma vez que cada ação é parte constituinte do sujeito da narrativa.

Para a parte de análise da construção da personagem, Motta (2013) ainda alerta que é importante não apenas buscar as características da personagem, mas também entender como o autor, o narrador, utiliza artimanhas no texto, para passar ao leitor a sua intenção. Claro, aqui, o pesquisador trata mais da composição de uma personagem da ficção, porém, como já foi referenciado neste trabalho, mesmo a personagem baseada em um indivíduo real é uma representação, sendo assim, carrega a visão do autor na sua construção.

4.3.1 Personagem no Jornalismo

Como afirma Motta (2005), no Jornalismo, existe sempre uma íntima relação entre personagens e pessoas físicas, uma vez que são representações de pessoas reais. “A personagem jornalística guarda uma relação estreita com a pessoa, com o ser real objeto da narração. Isso gera uma complexidade singular.” (MOTTA, 2005, p. 7). O autor ainda resalta que, no discurso jornalístico, as personagens costumam ser fortemente individualizadas, para se tornarem eixo principal das histórias. Sendo assim, nomes, identificadores e correferências devem ser explorados para fixar a personagem. Essa escolha se deve muito ao processo de trabalho jornalístico, diário e baseado no tempo para sua produção. No entanto, existe a ressalva de que

[...] é importante lembrar que mesmo na narrativa realista do jornalismo as personagens são figuras de papel, ainda que tenham correspondentes na realidade histórica. Lembrar que estamos analisando uma narrativa jornalística, como as notícias constroem personagens [...] Não estamos fazendo uma análise da realidade histórica em si mesma (MOTTA, 2005, p. 7).

Ou seja, na análise, não interessa o que se fez ou deixou de fazer, mas como o texto construiu determinada imagem da personagem durante a narrativa. Conforme Candido (2011), a ligação do texto com o real não se dá pelos elementos, sua verossimilhança vive na organização da narrativa. “Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente” (CANDIDO, 2011, p. 75). Em relação ao Jornalismo, deve-se considerar que, apesar de a construção da personagem

só existir na narrativa, existe um acordo prévio entre leitor e fonte de que as histórias ali relatadas são reais.

Neste trabalho, o enfoque é analisar a narrativa e a construção dos personagens. Desse modo, o propósito principal é entender como foi montada certa imagem de um determinado ator na história e o que o autor quis transmitir com tal construção. As ações da pessoa na vida real não fazem parte do trabalho, mas, sim, a sua representação pelo autor. A ideia é entender como o narrador imprime, no texto, marcas que constroem o personagem para os leitores. A montagem, no entanto, ocorre, concomitantemente, no texto e na reconstrução mental do receptor.

Essa construção se dá através do texto. Recursos da Literatura aplicam-se aos fazeres jornalísticos no que diz respeito à identificação do personagem. Como aborda Brait (1985), o entendimento do texto parte do analista, de suas bases teóricas para encontrar, no texto, as pistas que formam o ser desenvolvido pelo ator. Diversas são as maneiras e técnicas utilizadas na construção, tanto literária quanto jornalística, que serão analisadas no trabalho. Como traz a autora, diferentes pontos são relevantes. “A narração em primeira ou terceira pessoa, a descrição minuciosa ou sintética de traços, os discursos direto, indireto livre, os diálogos, os monólogos são técnicas escolhidas e combinadas pelo escritor a fim de possibilitar a existência de suas criaturas no papel” (BRAIT, 1985, p. 67).

Apesar de todas as dificuldades já citadas e impostas pela aproximação da pessoa real com a pessoa representada pelo texto jornalístico — inclui-se aqui o biográfico —, Motta (2013) relembra que, na narratologia, a personagem é uma construção do autor, e a semelhança com a realidade apenas torna a análise um pouco mais complexa. Apesar do distanciamento do jornalista, sua representação está lá e carrega pontos de vista próprios.

É importante ressaltar que muitos dos pontos levantados neste tópico fazem a ligação entre a prática jornalística do dia a dia e um trabalho mais extenso, como é o caso de perfis e biografias. No entanto, o trabalho de construção da personagem na narrativa jornalística de maior fôlego foge das ideias de personagem baseado em referenciais, já que existe espaço para um aprofundamento da composição.

5 ANÁLISE DE O REI DO MUNDO

5.1 O atual Ali e o “novo negro”

No Prólogo de **O Rei do Mundo**, é apresentado o cenário inicial da luta que tornaria o jovem Cassius Clay famoso mundialmente, ao vencer o favorito Sonny Liston. A primeira descrição que se tem do protagonista da obra é a do ainda desconhecido pugilista, no auge de sua juventude. Nas primeiras linhas do livro, lê-se: “Cassius Clay entrou no ringue em Miami Beach vestindo um roupão branco curto, bordado com a inscrição ‘The Lip’ [O Lábio]. Lindo como sempre. Rápido, esbelto, 22 anos. Mas, pela primeira e última vez na vida, sentia medo” (REMNICK, 2011, p. 9). Com características diretas — como rápido, esbelto e lindo —, o autor define a personagem de maneira superficial e plana nos primeiros trechos, para aumentar o contraste que vem a seguir, no entanto, já expressa um sentimento da personagem, aprofundando sua descrição. O cenário relatado é o final, onde a biografia pretende chegar, o título mundial dos pesos-pesados. Retomando a ideia do roteirista Syd Field, apresentada por Motta (2013), a personagem principal sendo caracterizada nas primeiras linhas da obra já define a forma de interação da personagem com a trama: experimentar conflitos, para alcançar uma necessidade, um objetivo. Nesse caso, será acompanhada a jornada do jovem, esbelto e lindo Cassius até o título máximo do boxe.

A figura jovem de Cassius Clay é contrastada com a do atual Ali, descrito nas páginas seguintes. “Muhammad Ali, sentado numa poltrona estofadíssima, assistia a uma luta sua na televisão. A voz saía num sussurro gutural, o dedo tremia quando apontava para a sua imagem quando jovem, preservada em videotape” (REMNICK, 2011, p. 10). A alternância de imagens para o leitor é o que Motta (2013) refere como *projeto dramático*. A partir de um conjunto de escolhas narrativas, o escritor faz opções argumentativas, procurando envolver o destinatário. Como já foi explicado, as opções do autor não são ingênuas, existe um propósito atrás de uma ordem de histórias. Aqui, Remnick opta por descrever a cena do prodígio Cassius Clay, antes de apresentar a figura do atual Muhammad. Dessa forma, o leitor é transportado para a mesma cena assistida por Ali em sua casa, em Michigan. O contraste de figuras de imagens serve para o autor apontar a passagem do tempo, a mudança do protagonista, o fim de uma história, dentre outras possibilidades. Esse é o único momento, entretanto, em que Ali é mostrado como está atualmente (na época de lançamento do livro, 1998), já que o foco de sucesso do antigo campeão está nas suas façanhas passadas. Esse também é um dos poucos momentos em que Remnick utiliza a primeira pessoa em sua narrativa. Com uma obra predominantemente

em terceira pessoa, o jornalista só se coloca no texto ao apresentar o cenário de entrevista. Ao final do livro, ao conversar com Patterson e, nesse episódio, diante de Ali, o escritor dá a sua impressão sobre o que enxerga na primeira pessoa, ao descrever as dificuldades impostas pelo Mal de Parkinson à figura imponente do chamado “*The Greatest*” (“O Maior”).

Expliquei que sabia do que ele estava falando. Meu pai sofre do Mal de Parkinson. Consegue dar somente alguns passos, e o ato de falar, dependendo da hora do dia, pode ser um sacrifício. Portanto eu sabia. Porém, não podia contar que meu pai tem mais de setenta anos. E fala melhor do que Ali. Só que meu pai não passou décadas levando centenas, milhares de socos dos melhores pesos-pesados de sua época (REMNICK, 2011, p. 13).

Assim como na literatura clássica, Remnick utiliza o *in media res* para começar o seu livro com um tom de trajetória terminada, algo comum também na narrativa jornalística, quando se sabe, no começo do relato, o seu desfecho. Ao começar o livro pela luta final em busca do primeiro título mundial, o autor suscita o ponto auge do livro, antes de contar toda a trajetória até aquele determinado ponto. Também é possível acreditar que um leitor interessado por boxe e por Ali já saiba o desfecho da disputa citada.

No *Prólogo*, também se podem notar os traços de Jornalismo Literário acrescentados pelo autor na sua narrativa. Desde muito cedo na obra, já há descrições de cenário, pontos de vista e diálogos contados a partir de um encontro de um jornalista com o seu retratado, táticas de estilo apontadas por Vilas Boas (2002) e Pena (2006a) para descrever a base do Jornalismo Literário, seja numa grande reportagem, seja numa biografia.

No próprio *Prólogo*, intitulado *Em Michigan* — lugar do encontro entre Ali e Remnick —, também se acham a base da construção da personagem criada pelo autor e a descrição do que há por vir. Muhammad Ali é o “novo negro” a assumir o posto de Campeão do Mundo.

Esta história começa com Patterson e Liston, suas vidas e as duas lutas curtas e dramáticas entre eles em 1962 e 1963. Cada um a seu modo, os dois homens representavam o mundo que Ali encontraria e depois transcenderia. Ali se considerava acima dos estereótipos que Patterson encarnava e se livraria dos mafiosos que durante muitos anos dominaram o boxe em geral e Liston em particular.

“Eu precisava provar que poderia haver um novo tipo de negro”, Ali me explicou, “tinha de mostrar isso ao mundo”. (REMNICK, 2011, p. 12).

É interessante aqui lembrar a proposta de Cândida V. Gancho (2006), apontando que, por mais próxima que realidade possa parecer, a personagem é sempre uma invenção do discurso narrativo. Remnick vai seguir exatamente o previsto no *Prólogo*, mostrará a sua construção através da figura do “novo negro”, de Cassius Clay a Muhammad Ali, a personagem principal vai moldar-se através das percepções do autor.

5.2 Patterson, Liston e o campeão olímpico

A Parte Um de **O Rei do Mundo** é completamente voltada para a dupla antecessora de Ali no posto mais alto do pugilismo mundial. Dividida em quatro capítulos, a primeira parte apresenta perfis bastante densos dos ex-campeões, que funcionam para construir a imagem de Ali desejada por Remnick desde o *Prólogo*. Dessa forma, este trabalho busca entender como é feita a apresentação dessas personagens secundárias, para concretizar a figura principal de análise. Aqui é interessante utilizar a definição de perfil apresentada por Coimbra (1993), uma representação que atribui à personagem os seus principais traços, qualidades e características, uma vez que o escritor retoma, em alguns momentos, a trajetória dos dois boxeadores, apesar de não ser algo necessário para um perfil jornalístico. O primeiro a ser retratado é Floyd Patterson no capítulo *Homem Subterrâneo*.

O texto, que retrata o pugilista no momento antes da luta de disputa pelo título com Liston, tem o enfoque em dois aspectos da figura de Patterson: o medo e sua posição como “negro subserviente” — a expressão, bastante forte, é uma caracterização do “antigo negro”, ponto de partida para a ascensão de Ali.

Assim como fez Gay Talese no perfil publicado na revista *Esquire*, em 1964, *The Loser (O Perdedor)*, Remnick foca a figura medrosa do campeão mundial. Talvez por ser uma característica incomum para um lutador, talvez por já ter sido o foco de outro escritor no passado, a melancolia da personagem é o mais marcante na representação de Patterson pelo autor de **O Rei do Mundo**.

Sempre foi assim, com Floyd. O medo, principalmente o medo de perder, o devorava. Ele tinha o direito de se considerar o homem mais rijo do planeta, mas não botava muita fé nisso. Era um campeão no sentido em que Chester A. Arthur havia sido presidente. “Não sou um grande campeão”, costumava dizer, “sou apenas um campeão.” (REMNICK, 2011, p. 20).

A escolha das palavras “medo” e “sensível” por Remnick para descrever as principais características do ex-campeão é decisiva para apontar uma certa fraqueza emocional da personagem. Dessa forma, já antecede o segundo ponto focado pelo autor ao representar Patterson, a sua posição subserviente.

O segundo relato importante nesse capítulo é o do encontro de Floyd com o Presidente Kennedy. Nesse episódio, é possível entender qual a posição e o que representa Patterson na sociedade. Após reassumir o título diante do sueco Johansson, o campeão foi convidado a visitar a Casa Branca, já com a expectativa e a pressão popular para um embate com Liston.

Fã de boxe, o Presidente afirmou que o detentor do título precisava vencer, muito pela imagem de Liston perante a população. Como descreve Remnick:

Floyd admitiu sua tensão no Salão Oval. “Senti-me sozinho lá, completamente aterrorizado”, ele disse. “Você não pode esquecer que eu era muito jovem, de onde eu vinha, e que estava ali no Salão Oval, ouvindo conselhos. O que você acha que eu poderia fazer? Discordar? Precisava aceitar o desafio. Sempre temi deixar as pessoas na mão, e agora estava numa situação em que me preocupava com a possibilidade de deixar o presidente na mão”.

Patterson agora lutava pelo Bem, e Sonny, gostasse disso ou não, era o Mal: Liston compreendia bem seu papel. “Uma luta de boxe é que nem um filme de caubói”, dizia. “Tem que haver um cara bom e outro mau [...]” (REMICK, 2011, p. 31).

A passagem é interessante para analisar como Remnick traz a figura de Patterson. Além de ser o pugilista sensível, introspectivo e, muitas vezes, medroso, nessa ocasião, o atleta era a representação do bem. Mas qual bem? Segundo o autor, o bem em conformidade com a visão da época. Como relata o autor, comparado com seu rival, Floyd teve, apesar de origem humilde, educação e sempre foi fiel aos valores de respeito da sociedade da época, ou seja, em uma organização marcada fortemente pelo racismo, o pugilista não figurava como uma ameaça ou influência negativa. O que o Presidente temia na vitória do mal não era a derrota de Patterson, mas, sim, a ascensão de Liston, um homem representado por Remnick como o “negro mau” — reflexo da reação midiática ao pugilista —, um lutador que trabalhava para a máfia, tinha, no seu passado, uma formação em penitenciárias e que sempre se colocou em posição de embate direto com os valores da sociedade branca. Para finalizar essa imagem de “negro bom” instituída pelo autor em sua narrativa, é possível apresentar o depoimento de Percy Sutton, Diretor da Seção de Manhattan da Associação Nacional Para o Progresso das Pessoas de Cor, que diz “Ei, vamos parar de fingir. Torço por Patterson porque ele nos representa muito melhor do que Liston seria capaz” (REMICK, 2011, p. 33). Mesmo na época, a posição de “bom negro” era do atual campeão, ninguém parecia querer “O Urso” Liston como Campeão do Mundo.

O capítulo seguinte, *Dois Minutos, Seis Segundos*, relata a derrota de Patterson para Sonny Liston. Como esse capítulo tem o enfoque principalmente na luta e menos nas personagens, não é tão relevante para a análise aqui construída. Sendo assim, segue-se para o próximo capítulo, *Sr. Fury e Sr. Gray*, onde se tem o perfil do novo campeão mundial dos pesos-pesados, Sonny “O Urso” Liston. O título, no entanto, não se refere ao lutador, mas à máfia. Segundo Remnick, Liston ficou conhecido como “[...] o último de uma longa linhagem, o último grande campeão a ser entregue de bandeja nas mãos da Máfia” (REMICK, 2011, p. 81).

Como o jornalista não teve a oportunidade de entrevistar Liston para a produção do livro — pois o ex-campeão faleceu em 1970 —, a saída encontrada foi buscar escritos e depoimentos em jornais e em outras obras sobre o pugilista, tática muito utilizada por Remnick durante **O Rei do Mundo**. “Muitos se sentiam à vontade para usar o repertório inteiro de piadas racistas para divertir o público. Ele era o bruto, o gorila, a besta, o homem do saco; era a criatura perigosa que as pessoas pagavam para ver na jaula cercada de cordas.” (REMNICK, 2011, p. 65). Liston é descrito como rude, mal-humorado, bruto, isso sem citar todas as ofensas racistas já relatadas. Remnick tem a preocupação de descrever a trajetória do campeão em seu perfil, apontando como sua infância difícil o levou ao crime, consequentemente, à prisão e, posteriormente, às mãos da máfia. De qualquer forma, fica evidente a imagem de “negro mau” (“*bad negro*”) que Liston carregava consigo. Dessa forma, o cenário estava preparado para aparição do “novo negro”, na figura do campeão olímpico Cassius Clay.

É interessante, neste ponto, ressaltar como a sequência criada por Remnick de perfis e descrições de fatos, antes de chegar à biografia em si de Muhammad Ali, funciona. Em vez de apresentar Patterson e Liston como personagens planas, que fizeram parte da trajetória vitoriosa do biografado, o autor apresenta-os como personagens redondas — segundo a classificação apresentada por Forster (1969) —, complexas, com mais de uma faceta ou qualidade. Apesar de dar características fortemente marcadas para cada um dos antecessores de Clay, o jornalista mescla a descrição com uma retomada da carreira de ambos, trazendo episódios que representam mais do que um pugilista vitorioso, por exemplo. Para contrastar com a imagem de bruto e monstro de Liston, Remnick narra o episódio em que “O Urso” encontra a sua esposa, Geraldine, pela primeira vez, quando parou o carro para oferecer carona à mulher que esperava, encharcada, um ônibus no ponto, um ato de cavalheiro para alguém considerado um bruto. É disso que fala Forster (1969), ao explicar que a personagem redonda tem a capacidade de surpreender. Se fosse apenas mais um figurante na narrativa, trazer para o relato uma história que foge completamente da imagem anterior não faria sentido para a obra.

No que diz respeito à construção da personagem Muhammad Ali, é possível entender que o “novo negro” só é compreendido, se se entender qual é o “antigo negro”, nesse caso, representado por Patterson — o negro subserviente e “aceitável” para a sociedade branca e racista da década de 60 — e Liston — o negro mau, um mau exemplo para toda a comunidade. Nesse cenário, surgiu o jovem que seria um marco para todas as lutas sociais negras dos anos seguintes, ao lado de nomes como Malcom X e Elijah Muhammad.

Assim como o segundo capítulo, o quarto — último da Parte Um —, intitulado *Despido*, não é um perfil, mas, sim, o relato de uma luta, a revanche entre os recentes campeões. Menor segmento do livro, esse trecho tem também a função de apresentar o atual campeão olímpico. Semelhantemente ao ocorrido com o jovem Ali descrito no *Prólogo* — jovem, belo e esbelto —, aqui, Cassius Clay é tratado como um fanfarrão, um menino ainda desacreditado pelos especialistas no esporte. É interessante enfatizar que Remnick retrata Clay, muitas vezes, a partir da opinião formada a respeito dele na época e, dessa forma, vai transformando a personagem, à medida que a obra evolui.

Após a segunda vitória do campeão, o desafiante subiu ao ringue, para confrontar o vitorioso “Urso”. “[...] ele fez questão de mostrar que não sentia mais medo algum: seus olhos estavam arregalados demais para que o terror fosse real, e não uma piada. Liston o encarou. Patterson riu como se tivesse visto Chaplin escorregar numa casca de banana.” (REMNICK, 2011, p. 100). A imagem projetada pelo autor aqui é a de um pugilista considerado uma piada, como alguém que não seria capaz de colocar medo no campeão mundial, apenas tentaria aparecer sob os seus holofotes. Com poucas inserções a respeito de Clay nesse capítulo, Remnick consegue transmitir como o lutador era visto e o quão surpreendente seria sua ascensão.

5.3 O Ladrão de Bicicleta

Com a passagem a seguir, Remnick inicia a Parte Dois de **O Rei do Mundo**.

Sendo pugilista e ator, um sujeito independente e original para os padrões norte-americanos, Cassius Clay transcenderia o mundo de Sonny Liston e Floyd Patterson. Ele iniciou a vida com uma vantagem econômica. O boxe nunca foi esporte de classe média. É coisa de pobre, para apostadores de loteria, jovens sem nada a perder capazes de arriscar a saúde pela chance infinitesimal de atingir a fortuna e a glória. Todos os adversários proeminentes de Cassius Clay — Liston, Patterson, Joe Frazier, George Foreman — nasceram pobres, a maioria em famílias enormes nas quais o pai, quando estava presente, vivia desempregado. Na infância, todos fizeram parte do que os sociólogos e jornalistas chamariam de despossuídos. Um dos traços mais desagradáveis do personagem criado por Ali era o seu modo de tentar ser “mais negro” do que sujeitos como Frazier, a quem chamava de “Pai Tomás” e “branco honorário”, quando na verdade Frazier crescera miserável na Carolina do Sul. Se Ali estava brincando, Frazier nunca achou graça. (REMNICK, 2011, p. 104).

A partir desse ponto do livro, o foco é todo em Cassius Clay. O trecho escolhido pelo autor para iniciar o relato sobre a vida de Ali apresenta dois dos três pontos principais de enfoque do escritor nesse capítulo: a origem de classe média negra de Clay e sua posição como um “novo negro” — desenvolvida mais a fundo em capítulos posteriores. No decorrer do segmento, o outro aspecto da vida do boxeador tratado com atenção é seu início no boxe.

Os ascendentes da família Clay são o mote do quinto capítulo, voltado para a origem do campeão. Remnick apresenta a infância de Cassius, que, em muito, se diferencia da vivida por seus adversários. Nascido em família de classe média negra (algo muito diferente da classe média negra atual), nunca faltou comida nem condições financeiras para o lutador em seu crescimento. É interessante a construção de Remnick, que aponta detalhes sobre a vida da família Clay, a origem do nome — herdado de um fazendeiro abolicionista do Kentucky — e, principalmente, a figura do pai, para construir a base de uma trajetória marcada por injustiça e racismo na década de 50, nos Estados Unidos. A questão racial perpassa toda a obra do autor, que liga a figura de Ali à imagem de um “novo negro”, não um cidadão “mais negro”, como dizia o próprio lutador, ao confrontar seus adversários, mas como uma figura capaz de mudar um paradigma de preconceito, de reforçar, na própria comunidade negra norte-americana, os seus direitos e valores.

Remnick ainda aponta dois fatores que levaram Ali ao boxe. O primeiro ponto são a ganância e a vontade do jovem Cassius de ascender socialmente. “Comecei a lutar boxe por achar que seria a maneira mais rápida de um negro ser bem-sucedido neste país” (REMKNICK, 2011, p. 112). O outro motivo apresentado pelo autor é um episódio da infância do boxeador que o levou a entrar, pela primeira vez, em um ginásio em que se treinava boxe. Após ter a sua nova bicicleta roubada, o menino de 12 anos Cassius Clay correu para o porão do Columbia Gym, onde trabalhava um policial, Joe Martin. Sedento por vingança, o garoto pedia por uma caçada ao ladrão, ameaçando surrá-lo.

Depois de ouvir as ameaças de vingança de Cassius, Martin disse: “Bem, e você por acaso sabe lutar?”

“Não”, Cassius disse, “mas vou brigar assim mesmo”.

Martin disse que a melhor coisa a fazer era treinar um pouco no ginásio.

“Por que você não aprende a lutar um pouco, antes de sair desafiando os outros com tanta pressa?”

Cassius começou a frequentar o ginásio de Martin na South Fourth Street e, depois de seis semanas aprendendo os rudimentos do boxe, realizou a sua primeira luta. (REMKNICK, 2011, p. 116).

Nesse trecho descrito por Remnick, pode-se notar um ponto de virada na trajetória de Clay. Por um assalto, o garoto de 12 anos correu em busca de ajuda e viu-se na situação de começar a treinar pugilismo. A história é tão valorizada pelo autor que é a referência para o título do capítulo, *O Ladrão de Bicicleta*. Dessa forma, percebe-se, na construção da narrativa do jornalista e, conseqüentemente, no modo com que apresenta a personagem para o leitor, um estilo clássico da narrativa biográfica. Interessante, neste ponto, retomar as características do Jornalismo Literário apontadas por Wolfe (2005). Para contar a história do roubo e o início

do jovem Clay no boxe, o autor utiliza da *cena presentificada da ação*, criando uma imagem cinematográfica para o leitor, mesmo sem ter vivenciado o fato.

Ao apontar tão diretamente um fato isolado como determinante para o futuro do biografado, o autor faz o que Bruck (2009) lembra que é característica da ilusão biográfica de Bourdieu, dar um significado grande a um evento isolado. Para o leitor, é possível que fique a imagem de uma indignação suficiente para dar partida em uma carreira de sucesso, quando, na verdade, é apenas um fato no meio de tantos outros na vida de uma pessoa, já que é impossível precisar se esse foi o evento que levou Ali para o estrelato como boxeador, ou se se pode acreditar em suas palavras para decidir que a ambição por sucesso foi o que levou o jovem ao pugilato. É compreensível e positivo que Remnick adote essa técnica. Como já foi frisado antes, a Biografia depende dessa conjunção e significação de história em ordem, para criar uma narrativa própria. Como traz Pena (2004), reconstruir o passado dando significados a fatos é uma das bases para o sucesso das biografias no mercado editorial. Neste trabalho, não se está questionando a ilusão biográfica sugerida por Bourdieu, apenas apontando como ela aparece em vários momentos de uma obra desse caráter, sem que a mesma perca valor. Diferentemente do sociólogo francês, este trabalho não enxerga a narrativa biográfica como impertinente.

Em um trecho desse quinto capítulo, o próprio autor brinca com essa estratégia adotada pelos biógrafos. “Clay voltava para casa à noite e dizia aos pais que se tornaria campeão do mundo, que ia comprar carros novos e um lugar melhor para viver, e dizia tudo isso sem o fatalismo místico apreciado pelos biógrafos esportivos [...]” (REMNICK, 2011, p. 117).

Outro ponto importante a ser destacado a partir desse trecho é a forma de narrativa apresentada pelo autor. Seguindo a observação de Schmidt (1997), fica claro como o jornalista não se preocupa em explicar para o leitor como aquela cena foi trazida ao seu conhecimento, qual fonte lhe informou e como esse processo ocorreu. O que se tem exposta é a cena, o diálogo, como uma cena de filme, sem que haja explicação de referência ou veracidade das falas. Dessa forma, é difícil diferenciar possível e provado, verdadeiro e verossímil. A descrição de cena é uma característica do Jornalismo Literário (PEREIRA LIMA, 1993), junto do uso de citações diretas e fontes identificadas. No entanto, apesar das personagens que aparecem serem já conhecidas do leitor, é difícil saber quem foi o responsável por dar aquela informação para o autor.

À medida que o capítulo evolui, Remnick conta a trajetória do jovem que, aos poucos, despontou diante de gigantes como desafiante número um ao título. É interessante analisar

que as características apontadas pelo autor são bastante diferentes daquela postura arrogante e desagradável sugerida no parágrafo inicial da Parte Dois. Adjetivos como “disciplinado”, “corajoso” e “estrategista” começam a substituir a imagem de um jovem privilegiado da classe média negra, sugerida no início do texto. O autor relata também dois episódios curiosos para humanizar a personagem principal. Clay fez amizade com o diretor de seu colégio e, mesmo sem ter excelentes notas, era adorado pela figura de autoridade, por ser um astro em potencial. Além disso, Remnick também apresenta o primeiro caso de amor do jovem Cassius, ainda inocente — a relação com mulheres vai ganhar maior enfoque após sua relação com a Nação do Islã, em outro ponto de virada da figura de Ali.

As características que descrevem o biografado desde o *Prólogo*, a beleza, a agilidade, a juventude e a “boca grande”, são também descritas nesse capítulo, como uma origem, na adolescência, de uma figura tão marcante e única por seu jeito. Tem-se, nesse primeiro capítulo, o primeiro verso de Ali, sua marca ao longo de uma trajetória de sucesso: “Nesse cara vou dar uma lição/No primeiro vou jogá-lo no chão” (REMnick, 2011, p. 122, tradução nossa)¹¹.

5.4 O medalhista rebelde

No sexto capítulo de **O Rei do mundo**, começa-se a visualizar a personagem definitiva de Ali. A partir da trajetória do boxeador na campanha olímpica de 1960, em Roma, o autor constrói a figura de Cassius Clay pugilista. Se, antes, o enfoque era nos adversários, na infância do lutador ou, até mesmo, como traz o *Prólogo*, na sua visão a partir do final da carreira, nesse capítulo, o jovem boxeador e o texto já apresentam as linhas de construção essenciais pelas quais a obra monta a figura histórica de Muhammad Ali em sua ascensão até o primeiro título mundial. A formação da personagem dá-se, nesse capítulo e durante, praticamente, todo o livro, a partir de quatro vieses: a rebeldia; a questão racial; o boxe; e o bom humor. Seguindo esses quatro pontos de enfoque, este tópico pretende dissecar o sexto capítulo, criando uma base para a análise dos próximos, através desse ponto de virada do texto elaborado por Remnick.

É interessante como uma das características mais marcantes de Ali durante toda a obra de Remnick é a sua rebeldia, frisada, principalmente, na capacidade de dizer o que queria a quem fosse. O capítulo é estruturado em três partes, a conquista de Clay nas Olimpíadas e o

¹¹No original: “This guy must be done./I’ll stop him in one” (REMnick, 2011, p. 122).

retorno a Louisville; o princípio da carreira como profissional; e a ascensão no *ranking*, ao lado de Angelo Dundee. No primeiro momento, a rebeldia do jovem boxeador está no trato com a imprensa. Ao ser questionado por um repórter soviético sobre o racismo na sua terra natal, Clay responde em tom de desaforo: “‘Diga a seu povo que temos gente qualificada lidando com esse problema, e que o desfecho não me preocupa’, Clay disse. ‘Para mim, os Estados Unidos são o melhor país do mundo, ganhando inclusive do seu’”(REMKNICK, 2011, p. 128). A resposta e a escolha de Remnick por relatar tal passagem são importantes para construir a figura de um jovem, rebelde, que não teme confrontos, mas que, ao mesmo tempo, luta por seu país. Esse posicionamento, nesse ponto, ainda bastante precoce, é de grande importância, quando Ali assume uma posição significativa na luta pelos direitos de igualdade racial. Motta (2013) lembra como, na análise pragmática da narrativa, o foco deve estar em entender as razões estratégicas pelas quais a personagem possuiu esta ou aquela qualidade ou defeito. Por se tratar de uma Biografia, o autor não tem o controle direto sobre as características da personagem, no entanto, a escolha de mostrar ou não determinada faceta ainda é do narrador. Nesse caso, enfatizar a rebeldia é extremamente necessário para justificar as atitudes posteriores do boxeador, que o conduziram ao posto de lenda do esporte.

Após o início de sua carreira profissional, Clay foi levado a treinar com o campeão Archie Moore, um veterano que poderia ajudar o pugilista principiante a aprimorar suas capacidades. Novamente, a rebeldia do lutador é apontada pelo autor. “‘Mas Clay, que fora mimado pela mãe em casa, não se sentia disposto a fazer nada. Queria treinar e lutar. ‘Archie, eu não vim para cá lavar louça’, dizia. ‘Não vou fazer serviço de mulher’”(REMKNICK, 2011, p. 139). Novamente, o autor ressalta a rebeldia do potencial Campeão do Mundo, criando a base para uma figura que não terá dificuldade em se impor diante de autoridade.

O segundo ponto mais abordado por Remnick na construção da personagem Clay é a questão racial. Desde o princípio de **O Rei do Mundo**, o autor deixa claro para o leitor que Ali nunca passou por miséria, poderia até mesmo ser considerado parte da classe média negra, com pai trabalhador e moradia própria. No entanto, pela época, é impossível que o jovem tenha vivido sem passar por episódios de racismo. Além da pergunta sobre o preconceito proferida pelo repórter soviético, o escritor apresenta mais uma série de momentos em que o pugilista se deparou com atitudes discriminatórias. Mesmo após ter trazido a medalha de ouro e ser recebido como herói no seu regresso a Louisville, o preconceito não deixou de marcar a trajetória do campeão.

[...] Clay sabia que a medalha de ouro não mudaria nada em Louisville. As mesmas atitudes Jim Crow do passado prevaleceriam. Pouco tempo depois de ter voltado para casa, ele entrou numa lanchonete e pediu um copo de suco.

“Não posso servi-lo”, o dono respondeu.
 “Mas ele é campeão olímpico!”, um dos garçons comentou.
 “Não me interessa quem ele é”, o dono disse. “Ponha o cara para fora daqui!”(REMKNICK, 2011, p. 132).

Ao descrever a cena e os diálogos, abusando dos recursos do Jornalismo Literário, Remnick aponta uma das chaves na construção da figura história de Ali, a luta diante do racismo. **O Rei do Mundo** é uma biografia de Muhammad Ali que acompanha sua ascensão até o reconhecimento como grande boxeador, no entanto, não se está lidando aqui com uma obra de cunho esportivo. Como já foi apresentado, a Biografia é um gênero híbrido, e seria impossível para um autor construir uma personagem redonda sem passar por diversas facetas da vida do retratado. Na obra analisada, além do boxe, o racismo é outro ponto focal do autor no relato sobre a trajetória vitoriosa de Ali. É importante entender como a vida do lutador foi marcada por sofrimento e preconceito, para, de algum modo, justificar a tendência de aproximação com a Nação do Islã e, conseqüentemente, o seu embate com o Governo norte-americano. Como já foi tratado no capítulo sobre biografias, é necessário que se crie uma linha, um caminho de sentido, para que cada episódio seja parte de um mosaico que constrói a imagem do biografado.

O boxe, obviamente, não é deixado de lado em nenhum momento pelo autor, e as façanhas de Clay são exploradas ao máximo, apesar do seu início desacreditado. Mesmo após se tornar campeão olímpico, o pugilista não era visto como um campeão em potencial. Por seu estilo pouco ortodoxo, muitos não enxergavam no garoto a capacidade de fazer frente a gigantes. Para explicar essa visão sobre o boxeador, Remnick utiliza um recurso do Jornalismo Literário. Se a descrição minuciosa e a entrevista não são possíveis para o autor, que não esteve presente nesse período histórico, a pluralidade de pontos de vista dá-se através do recurso de pesquisa. Em diversos pontos de sua obra, o autor utiliza artigos e reportagens, para recriar um contexto ou cenário, transformando, dessa forma, o Jornalismo num meio de construção da realidade. Para apresentar a descrença dos especialistas — únicos que acompanhavam Clay na época, já que o boxe olímpico tem caráter amador —, Remnick traz as palavras de A. J. Liebling para a *The New Yorker*. “‘Observei a *performance* de Clay em Roma e considerei atraente, mas não convincente’, escreveu. ‘Clay tem um estilo ágil, parece uma pedra pulando na superfície da água. Vale a pena vê-lo, mas ele parece fazer contato apenas superficial’.” (REMKNICK, 2011, p. 127-128). Mesmo aqueles próximos ao lutador não viam muito futuro em sua carreira. Diferentemente de Liston, Ali nunca se envolveu com a máfia. Sua carreira foi bancada, no princípio, por um grupo de investidores brancos de Louisville, como uma forma de apoio à comunidade, um investimento pequeno e

desacreditado. Para transmitir tal sentimento de descrença, o autor traz as palavras de um dos empresários que deram dinheiro para financiar o lutador, Bill Cutchins. “Já em 1963, Cutchins disse: ‘Se alguém me dissesse há um ano que Cassius se tornaria uma personalidade internacional, eu responderia que o sujeito tinha andado fumando maconha’.” (REMNICK, 2011, p. 136).

É interessante, aqui, analisar o texto minuciosamente e notar-se como, nestas últimas passagens, estão presentes as duas possibilidades descritas por Schmidt (1997), que ressalta como jornalistas tendem a não explicitar a fonte em suas biografias, exatamente o oposto do que fazem os historiadores. No entanto, nesses trechos, Remnick (2011) apresenta os dois modos de citar uma personagem envolvida na trajetória de Ali. Se as primeiras frases foram retiradas da *The New Yorker*, não se tem como saber qual a origem da citação de Cutchins, uma matéria de jornal ou uma extração de outra biografia, por exemplo.

A técnica e a constituição física de Clay são pontos decisivos para a ascensão da personagem nesse capítulo. O medalhista olímpico era um lutador de 18 anos, com 1m e 91cm, que dançava pelo ringue como um pugilista de categorias inferiores. Um lutador peso-pesado costuma ser grande, pesado e só caminhar para frente, como um trator que atropela os adversários com força. Cassius Clay não era assim, sua técnica era de ser rápido e saltitar entre as quatro linhas, sempre procurando acertar a cabeça com socos velozes. Isso é descrito por Remnick em seu texto, porém, apenas quando se conhece a personagem de Angelo Dundee, treinador que acompanhou Ali durante a carreira, é que se nota a sua evolução física e técnica.

Com o passar dos anos, o jovem esguio ganhou massa muscular e começou a parecer um lutador peso-pesado, sem, no entanto, perder a velocidade. Para descrever a perfeição física de Cassius Clay, Remnick traz as palavras do seu médico, Ferdie Pacheco: “Se alguém chegasse de outro planeta e pedisse: ‘Entreguem seu melhor espécime’, eu daria Ali” (REMNICK, 2011, p. 145). Em outro trecho, o autor repete a estratégia de apresentar pontos de vista de jornalistas esportivos da época, para demonstrar a evolução da técnica do lutador. “Eu tinha ouvido falar bastante de Clay, mas quando me peguei ali sentado, assistindo àquela exibição estonteante, pensei: ‘Meu Deus, o que está acontecendo aqui?’, disse Gil Rogin, cronista da *Sports Illustrated* na época” (REMNICK, 2011, p. 146). O que surpreendeu ao jornalista foram a agilidade, os saltos e a velocidade, incomuns para qualquer lutador com tanta potência e força física. Se Remnick só pôde conhecer Ali quando velho, já sofrendo com os pesares do Mal de Parkinson, o autor reúne muitos relatos, para descrever toda a grandiosidade do lutador. “Harry Wiley, segundo de Banks e figura legendária do boxe nova-

-iorquinho, descreveu o fenômeno pugilístico Clay: ‘As coisas vão piorando gradual e simultaneamente. Ele desvia e bate, bate e desvia, até que você não sabe mais onde está’” (REMNICK, 2011, p. 149). Evoluído, Clay já aparecia como um lutador com potencial para o título mundial.

O último ponto que tem início significativo nesse capítulo, mas segue durante todo o curso da obra de Remnick, é o bom humor, no sentido de apresentar falas e episódios curiosos. Essa composição do autor está diretamente ligada à personagem principal. Em todas as entrevistas e oportunidades de aparecer na mídia, Ali, quando não lutava por seus direitos, sempre se mostrou uma figura carismática e bem humorada. Mesmo quando criticava seus adversários, fazia-o através de versos e piadas. Sua figura alta e amedrontadora, muitas vezes, ganhava um caráter divertido, ao arregalar os olhos diante de um adversário. A mesma característica de Ali é transmitida através do texto, seja na escolha de citações — como a anterior sobre a invasão alienígena e o espécime perfeito —, seja na apresentação dos versos feitos pelo lutador para ler durante entrevistas coletivas.

Minha meta é que a América seja o máximo.
Para isso, bati no russo e no polaco.
Ganhei a medalha de ouro para o meu país.
E pros italianos o Cassius clássico era mais fraco. (REMNICK, 2011, p. 130)¹².

5.5 O boxeador e a Nação do Islã

Remnick descreve o prodígio Cassius Clay nas primeiras linhas do sétimo capítulo de **O Rei do Mundo**, intitulado *Segredos*, da seguinte forma:

Em 1962, Clay era um dos principais candidatos ao título dos pesos-pesados, mas sua reputação se baseava tanto em seu personagem quanto na competência esportiva. “Comentavam que eu era algo nunca visto antes no mundo”, ele disse, décadas depois. Apesar dos devaneios em sala de aula, da dificuldade para ler um livro ou um extrato bancário, Clay provavelmente era um dos jovens de 21 anos mais conscientes do país (REMNICK, 2011, p. 153).

No entanto, esse segmento do livro é todo voltado a explicar a relação do lutador com a Nação do Islã. Como a questão racial sempre foi uma parte significativa da trajetória de Ali, o autor apresenta o ponto de virada, em que ele se conecta com uma nova ideologia. Esse capítulo é importante para se entenderem futuros ideais e reações de Muhammad Ali durante sua vida, já que se pode compreender quais são os seus valores oriundos da crença. É como se o autor focasse em apenas um ponto durante todo esse relato do livro, já que os princípios da

¹² No original: “To make America the greatest is my goal./ So I beat the Russian, and I beat the Pole/ And for USA won the Medal of Gold./ Italians said ‘You’re greater than Cassius of old” (REMNICK, 2011, p. 130).

Nação do Islã — e sua história — são bem diferentes do que foi defendido por Martin Luther King, Nelson Mandela ou qualquer outro líder negro na luta por direitos civis. A religião, o culto que gerou o movimento dos chamados “muçulmanos negros”, pregava a autossuficiência, a superioridade da raça negra e a oposição direta ao “demônio de olho azul”.

O capítulo começa explicando ao leitor o título, *Segredos*. A verdade é que Clay já sabia da existência da Nação do Islã mesmo antes das Olimpíadas de 1960, ainda no colégio. No entanto, só após seu início como profissional, o boxeador aproximou-se de toda a mitologia desenvolvida pelos criadores da religião. Aos poucos, Remnick apresenta os principais nomes da seita que se tornaria fundamental na vida de Clay — e o faz mudar de nome para Muhammad Ali. O autor enumera e resume a trajetória de personagens secundários que aparecerão ao longo da vida do lutador. W.D. Fard, o criador do culto na Detroit de 1930, e Elijah Poole, posteriormente, como Elijah Muhammad, maior nome da Nação do Islã, são descritos brevemente, para que o escritor consiga explicar a origem de tal mito que envolvia os negros muçulmanos daquela região dos Estados Unidos.

É interessante relembrar aqui as ideias apresentadas por Brait (1985) e Motta (2013), ao citar Reuter (2002 *apud* MOTTA, 2013), que apontam as chamadas “cadeias de correferência”, ou seja, escolhas de fala, uso de certos termos para adjetivação, dentre outras manifestações do autor no processo narrativo. Brait (1985) aborda também a questão da análise de escolhas feitas pelo escritor no ato de contar a história. No relato de Remnick sobre a mitologia que envolve a Nação do Islã, é forte o uso de determinados termos, que passam ao leitor o radicalismo do movimento e, muitas vezes, o espanto causado nas pessoas que desconhecem a origem do mito da criação dos negros muçulmanos que seguiam os ensinamentos de Elijah Muhammad. Diversas vezes, ao contar a criação do universo e outros aspectos sobre a religião, o autor utiliza expressões potentes, como “raça maldita” — ao citar os ensinamentos originais de Fard — e “demônios brancos”, recriando, assim, a relação de embate da doutrina da Nação. O próprio mito de origem do universo, explicado em detalhes por Remnick, envolve resgate da “nave-mãe”, experiências de “embranquecimento” da população negra e maldades do demônio branco que subjugou a maioria negra e pacífica que habitava o Mundo.

O que Remnick consegue transmitir é que Clay aceita as ideias da Nação do Islã como ideais para quem sempre sofreu com o racismo e a segregação forçada durante toda a vida. Agora, o jovem já não entendia por que precisava rezar para um Jesus branco, por que não existia um governo para o negro, dentre outras questões que atormentavam a mente do lutador desde muito cedo. O autor ainda traz a opinião, mais uma vez, de Robert Lipsyte, repórter do

The New York Times, para mostrar a relação de Clay com os negros muçulmanos liderados por Elijah Muhammad.

“Para Ali, havia algo na noção de superioridade negra e na nave espacial que servia de consolo e alimento espiritual”, disse Robert Lipsyte, repórter do *New York Times* que o conheceu bem, no início dos anos 1960. “Afinal de contas, o pai apoiava as ideias de Marcus Garvey. Ali afastou-se do pai, mas sofreu influência dele, sentindo que a sociedade branca era opressora. Além disso, o que seria de Ali sem a Nação? A seita lhe deu uma identidade, uma ligação com algo maior e mais importante. Estávamos na época da reação branca virulenta contra integração, e a Nação do Islã pregava a autossuficiência.” (REMNICK, 2011, p. 162).

Na sequência do capítulo, Remnick retoma o boxe, para apresentar algumas lutas nas quais Clay não foi tão bem quanto na sua ascensão, nos primeiros anos como profissional. Além disso, mais uma personagem da vida do lutador é apresentada, Bundini, que trabalharia como segundo de Ali durante sua carreira. O enfoque do autor, porém, é na dúvida, que era alimentada na época, de que o boxeador era mesmo tudo que prometia, se conseguiria manter o alto nível técnico em confrontos mais fortes, para chegar à disputa ao título. Após relatar a vitória difícil de Cassius Clay contra o rápido Doug Jones, o autor traz uma fala do próprio lutador que foge de tudo apresentado até então pela personagem — se não for contado o relato de medo apresentado no Prólogo. “‘Não sou o Super-Homem’, disse atipicamente. ‘Se os fãs acham que eu posso fazer tudo o que digo que posso, são mais loucos do que eu.’” (REMNICK, 2011, p. 168). Ao final do capítulo, o biografado recebe a notícia de que terá uma oportunidade de disputar o título contra Sonny Liston.

É interessante, neste ponto, ressaltar como o autor traz para a biografia uma entrevista dada por Ali à *Playboy*, para o escritor Alex Haley — material seguidamente referido por Remnick durante a narrativa. Após apresentar as lutas que geraram dúvida na capacidade de Clay, o escritor traz as palavras do mesmo à publicação, quase como uma justificativa de suas atitudes anteriores. “Dediquei-me a fazer com que ele pensasse o que eu queria que ele pensasse; que eu não passava de um palhaço, que ele não precisava se preocupar, pois não seria capaz de fazer uma luta de verdade quando subisse no ringue.” (REMNICK, 2011, p. 171). Ao apresentar tal posicionamento de Ali, Remnick coloca a dúvida para o leitor, apresentando uma personagem mais estrategista, dessa vez, fora do ringue. Nesses dois pontos citados, é claro como Cassius Clay pode ser caracterizado como uma personagem redonda, que, constantemente, é capaz de surpreender o leitor.

5.6 Dentro da cabeça de Clay

Mesmo com um semblante confiante, Clay ainda tinha dúvidas sobre a sua vantagem diante de Liston.

Quase todos os cronistas consideravam as bravatas em prosa e verso de Clay meros delírios lunáticos. Contudo, além de saber como preencher o bloco de anotações de um repórter, e conseqüentemente os lugares vendidos pelo promotor da luta, Clay sabia quem era. A verdade (uma verdade que ele não compartilhava com quase ninguém) era que Cassius Clay jamais tinha enfrentado um boxeador como Sonny Liston. (REMNICK, 2011, p. 179).

O oitavo e último capítulo da Parte Dois, intitulado *Sensação*, descreve a preparação dos dois atletas para o embate e a cobertura jornalística da época, focado em três importantes jornalistas, Jimmy Cannon, do *The New York Post*, Gay Talese e Robert Lipsyte — profissional mais próximo de Ali durante toda a carreira. No entanto, a parte mais interessante para a construção da personagem nesse curto trecho da obra é a “leitura” apresentada por Remnick do desafiante ao título mundial.

A todo o momento, o autor ressalta o medo vivido por Clay diante de Sonny Liston e apresenta diversas visões sobre o assunto. “Floyd Patterson me disse, muitos anos depois. ‘Nunca apreciei aquelas bravatas. Levei muito tempo para entender o que Clay dizia. Clay falava com Clay’”(REMNICK, 2011, p. 179). Provavelmente, esse é um dos pontos mais delicados no fazer biográfico, quando o autor trata do sentimento ou do pensamento do biografado. No caso específico de Remnick, é evidente que tal escolha por apresentar um lutador secretamente amedrontado e enumerar episódios que confirmem essa condição é uma ação premeditada. A certeza que se tem desse posicionamento origina-se no *Prólogo*, quando — verdade ou não — Muhammad Ali relata para o escritor que sentiu medo antes apenas de uma luta, diante de Liston, “O Urso”. Dessa forma, o autor tem “passe livre” para explorar textos, notícias, opiniões que fundamentassem o que o próprio biografado já havia lhe dito, sentira medo naquela determinada época. Diferentemente de outros trechos do livro, quando as reações de Clay são sempre apresentadas como sugestões, nesse ponto, o biógrafo explora uma informação que teve do próprio lutador, para aprofundar-se mais na personagem. Referindo-se à opinião de Patterson, o autor afirma:

Muito pouca gente sabe quanto isso era verdade e quanto Clay temia Liston. Certa noite, pouco antes de assinar o contrato para a luta, ele visitou a redação do Sports Illustrated no vigésimo andar do edifício Time-Life no centro de Manhattan. Clay parou na janela que dava para as luzes na Sexta Avenida, às sete e meia, e permaneceu algum tempo em silêncio (REMNICK, 2011, p. 179).

O episódio que, em qualquer outra situação, não seria relevante para uma biografia, nesse ponto funciona na composição narrativa de Remnick, ao mostrar o medo sentido por Ali, o que Motta (2013) refere-se como *projeto dramático*. A figura confiante e falastrona

diante dos jornalistas é comparada com um lutador fechado, que reflete sobre o único embate que o amedrontou.

5.7 Um novo campeão

A Parte Três de **O Rei do Mundo** é dividida em quatro capítulos. O primeiro, chamado *A Cruz e o Crescente*, é voltado para a relação do lutador Cassius Clay com seu amigo e mentor Malcolm X. O texto foca a história de Malcolm e seu passado até se tornar um dos mais respeitados nomes do movimento negro nos Estados Unidos. No que diz respeito à construção da personagem protagonista, Remnick apresenta a devoção do lutador à religião. O que antes aparece apenas como um interesse, agora já é uma realidade dentro da vida do pugilista. “Minha religião é mais importante para mim do que a luta’, Clay se lembra de ter dito.” (REMKNICK, 2011, p. 201).

Outro ponto importante para a trajetória de Ali nesse capítulo é a separação entre Malcolm X e Elijah Muhammad, além do afastamento de Malcolm para preservar a imagem de Clay, já que o mesmo não havia revelado publicamente sua ligação com o Islã — o que ainda era bastante mal visto pela sociedade.

O segundo capítulo dessa terceira parte, *Caça ao Urso*, descreve a preparação dos lutadores para a luta que colocaria em disputa o título de campeão mundial dos pesos-pesados. Remnick separa religião da capacidade atlética de Ali, ligando sempre os dois aspectos com momentos de rebeldia e comichão. Os principais pontos de construção da personagem relatados pelo autor dão-se através do enfoque no preparo físico e técnico do lutador, no medo diante do embate decisivo e na “loucura” de Clay na pesagem — algo “planejado” ou evidência do medo.

Desde o princípio do capítulo, Clay é retratado como lutador disciplinadoleticamente e um louco para a mídia. O desafiante ataca Liston de todas as formas, humilhando-o publicamente e até em sua própria residência. Enquanto a imagem do lutador é de um jovem rebelde que fala muito, Remnick deixa claros a vontade e o foco do pugilista no embate. “Nesse meio-tempo, Clay treinava com mais afinco do que nunca. Além disso, depois de ter estudado os filmes das lutas de Liston contra Cleveland Williams, Eddie Machen, Patterson e outros adversários, ele planejou sua estratégia com cuidado” (REMKNICK, 2011, p. 204).

Se a determinação e o preparo de Clay para o embate são nítidos e explicados desde o princípio do texto, por outro lado, Remnick levanta uma dúvida para o leitor. A tentativa constante de enervar Liston, abrindo os olhos, gritando, xingando seu adversário, era apenas uma forma de desestabilizar o oponente, os delírios de um jovem louco por acreditar em si mesmo ou a expressão mais pura do medo que o autor sabia que fora vivido por Ali nessa época?

Ao descrever a paisagem dos dois lutadores, Remnick aponta essas três possibilidades. A maior parte da mídia tinha certeza de que as manifestações de Clay representavam a reação de um louco, alguém sem o entendimento da potência e da força de Sonny Liston. Mais uma vez, o autor utiliza do recurso de descrever o cenário através de outros colegas da mídia. “Ninguém que tivesse visto Clay na manhã da paisagem acreditaria que fosse capaz de permanecer em pé mais de três minutos, à noite”, escreveu Murray Kempton” (REMnick, 2011, p. 209). No entanto, o autor sugere, constantemente, que existia estratégia por trás dos gritos e ameaças do desafiante perante o detentor do título.

A performance de Clay lembrava os delírios de um louco, o canto apavorado de um rapaz que vivia aterrorizado desde o confronto com Liston no cassino de Las Vegas mais de um ano atrás. Mas ninguém percebeu o quanto aquele teatro era deliberado e eficaz, nem quanto enervava Liston. “Liston ficou convencido pelo resto da vida de que Ali era maluco”, disse Ferdie Pacheco, segundo de Clay. (REMnick, 2011, p. 210).

O autor, porém, trabalha sempre com a lembrança da confissão feita por Ali em sua entrevista — apresentada no *Prólogo*. Clay sentiu medo antes de enfrentar Liston. Essa certeza confessada pelo lutador dirige a narrativa de Remnick a, novamente, lembrar dessa possibilidade, como quem tem uma informação privilegiada dentro de uma história conhecida. Motta (2013) lembra que, na análise pragmática, é preciso analisar personagens como parte do *projeto dramático*. Pelo fato de a Biografia ser um trabalho de não ficção, é impossível para o autor levar a personagem a agir de determinada forma. No entanto, é possível que Remnick questione a todo o momento e, muitas vezes, sugira a intenção que existe por trás de cada ato, para evidenciar o que deseja com seu projeto. Desde o princípio da obra, as características mais marcantes de Clay são a disciplina física e capacidade técnica para o pugilismo. Essas facetas aparecem a todo instante e são fundamentais para se colocar Ali no patamar de grande nome do boxe, abrindo espaço para outros aprofundamentos do autor, como a questão religiosa, a rebeldia e, nesse caso específico, o medo. Em uma passagem do capítulo, o escritor traz um relato do jornalista Jimmy Cannon, para, mais uma vez, retomar o que ele já sabia, Ali teve medo.

Jimmy Cannon, que circulava com tanta desenvoltura que mais parecia chefe do serviço médico do que colunista do World-Telegram, sentou-se na cadeira ao lado do dr. Robbins e perguntou: “O senhor acha que o rapaz está morto de medo, doutor?”. “Sim, isso mesmo, senhor Cannon”, o médico disse. “Este boxeador está morrendo de medo e, se a pressão sanguínea dele estiver assim na hora da luta, estará tudo acabado.” (REMNICK, 2011, p. 211).

Fica claro para o leitor que, com a confirmação do médico, o jovem desafiante estava apavorado, ao gritar e ameaçar o atual campeão do mundo, o mesmo homem que o fez tremer, quando os dois se encontraram, tempos antes, em um cassino de Las Vegas. Contudo a personagem de Clay é, como já dito, redonda e capaz de surpreender, a todo o instante, o leitor. Nos últimos parágrafos de *Caça ao Urso*, Remnick, novamente, utiliza um depoimento do médico pessoal do pugilista, Ferdie Pacheco, para mudar a impressão transmitida anteriormente.

“Uma hora depois daquela confusão, tirei a pressão dele e o pulso estava 54, o valor normal para ele. A pressão voltara ao normal também. Era pura encenação.”
 “Por que você fez aquilo?”, Pacheco perguntou a Clay. “Por que você bancou o maluco na frente de tanta gente?”
 Clay debruçou-se um pouco e respondeu: “Porque Liston acha que eu sou maluco. Ele não teme nenhum homem, mas tem medo de um louco. Agora, ele não sabe o que eu sou capaz de fazer.” (REMNICK, 2011, p. 212).

Antes do fim do capítulo, Remnick questiona a própria construção, ao trazer o relato de Pacheco. Talvez todo o alarde criado por Clay não fosse uma expressão do medo, mas, sim, um jogo para desestabilizar o adversário. O medo, porém, não sai da composição de Remnick em nenhum instante.

No terceiro capítulo dessa parte de **O Rei do Mundo**, chamado *Eat Your Words!* (“Engula Suas Palavras”, em tradução livre), o autor descreve a primeira luta entre Sonny Liston e Cassius Marcellus Clay, o embate que colocou o biografado na história do boxe mundial. Mesmo no trecho mais descritivo de seu livro — uma vez que a luta não é, em grande parte, apenas a descrição de ações —, Remnick retoma os três pontos básicos na construção da imagem de Ali durante a obra: a religião, o medo e a capacidade atlética.

Antes do embate, Clay estava nervoso em seu vestiário, esperando o início da luta, após ver seu irmão Rudy apanhar na luta preliminar. No momento de incerteza, mais uma vez, o autor expõe a religião como ponto importante na vida do pugilista. Ainda em segredo, pois não havia revelado oficialmente para a mídia a ligação com a Nação do Islã, a reza foi parte da preparação para a luta mais importante da trajetória do lutador até então. O capítulo seguinte volta a tratar da religião e dos conflitos dentro da Nação do Islã, mas é interessante como o autor retoma a importância da crença na trajetória de Ali, mesmo nos momentos de maior destaque para o boxe.

Conforme se aproximava a hora da luta, Cassius e Rudy tentaram descobrir para qual lado ficava o leste e, quando conseguiram, se ajoelharam e oraram a Alá, junto com Malcolm X. Nos anos seguintes, Muhammad Ali rezaria em seu corner antes de soar o gongo, com a cabeça baixa e as luvas próximas ao rosto. Mas, naquela noite, ele ainda era Cassius Clay e procurava manter seu segredo de polichinelo o máximo possível. (REMNICK, 2011, p. 218).

A descrição da habilidade de Clay como lutador também é muito importante nesse trecho do livro. Apesar de todas as críticas e da descrença por parte dos jornalistas, o desafiante cumpria todas as promessas, fugindo de Liston, acertando todos os socos e cumprindo sua estratégia com perfeição. Para descrever a técnica e a grandiosidade dos feitos de Cassius, Remnick descreve a cena como se estivesse presente no momento, característica básica do Jornalismo Literário.

Clay se movia pelo ringue em sentido horário, num saltitar maçante que interrompia periodicamente, parando para balancear a parte superior do corpo de um lado para outro, num movimento de limpador de para-brisa que complicava qualquer tentativa de ataque do oponente. Liston andava atrás dele e em pouco tempo deve ter percebido o quanto o outro era mais rápido, visto de perto, e quanto seria difícil acertá-lo. [...] Liston enfrentara pugilistas ágeis antes — Marty Marshall, Eddie Machen, Zora Folley —, porém, como todo mundo, nunca tinha visto nada parecido. (REMNICK, 2011, p. 221).

O Mundo estava chocado com a proeza de Clay, e, à medida que o desafiante humilhava o atual campeão, a multidão ficava ainda mais surpresa. Remnick ainda relembra que, ao final do primeiro *round*, já não existia mais medo por parte do jovem, apresentando um curto episódio. Ao retornar ao seu corner, Clay queria ter certeza do que acabara de acontecer dentro do ringue.

“Quem venceu o round?”, Clay perguntou em seu corner.
 “Você ganhou!”, Bundini gritou.
 “Você venceu este round”, Dundee disse, “e vai ganhar a luta.”
 O medo foi passando. Clay abriu a boca o mais que pôde, formando um oval escuro, e olhou para os cronistas. “*Calar a minha boca? Nada disso!*” (REMNICK, 2011, p. 223, grifos no original).

O ponto que mais marcou a figura do desafiante durante a sua preparação para o embate valendo o título havia sido alterado. Ali não tinha mais medo, confirmara, dentro do ringue, diante do campeão, naquele primeiro assalto, que era capaz de vencer, que todo o alarde durante as coletivas era verdade. É interessante aqui ressaltar como Remnick aponta, mais uma vez, a rebeldia da figura de Clay. Na impressão do livro, o itálico, em vez do uso do ponto de exclamação, destaca o que o pugilista quis dizer para os jornalistas com sua expressão. Existe uma diferença “gráfica” entre o incentivo dos segundos e o desabafo gestual do lutador, que, aparentemente, agora acreditava no que havia previsto. Mais uma vez, vê-se a interferência pessoal do autor. Diferentemente de quando utiliza a segunda pessoa, nesse

ponto, o biógrafo sugere uma interpretação ao leitor, algo bastante distante da prática jornalística de relato, explorando as potencialidades da escrita literária.

A luta seguiu, e o campeão, após tentar até mesmo recursos ilegais para superar Clay, sentou no *corner* e desistiu. Sem continuar com a humilhação, alegando dores no ombro, Liston jogou a toalha (expressão oriunda do boxe, quando uma toalha branca é atirada sobre o ringue para significar desistência). Cassius Marcellus Clay foi consagrado o Campeão do Mundo. Sentado no *corner*, antes do início do sétimo assalto — que nunca chegou a acontecer —, o moleque arrogante “[...] virou-se, abaixou-se e gritou: ‘Vou incomodar o mundo inteiro!’” (REMNICK, 2011, p. 232).

No último capítulo da terceira parte de **O Rei do Mundo**, *O Desafio*, Remnick descreve a recepção da imprensa e do Mundo à posição de Clay ao assumir sua religião, vista com maus olhos por grande parte da população, seja ela negra, seja branca. Nesse ponto, detecta-se, mais uma vez, a importância da religião na vida do lutador e como ela influencia suas atitudes. Combinada com uma rebeldia já conhecida, as manifestações do pugilista sempre demonstraram uma posição forte e, em alguns momentos, contraditória.

“Creio em Alá e na paz. Não tento impor minha presença morando em bairros brancos. Não quero me casar com uma branca. Fui batizado aos doze anos, mas não sabia o que estava fazendo. Não sou mais cristão. Sei para onde estou indo e sei a verdade. Não quero ser o que vocês desejam que eu seja. Sou livre para fazer o que bem entender.” (REMNICK, 2011, p. 239).

As declarações de Clay apresentadas pelo autor sempre indicam alguns posicionamentos da Nação do Islã que chocaram a sociedade na época. Diferentemente dos movimentos pelos direitos civis igualitários, a Nação pregava a segregação. Através da valorização do homem negro, a religião seguida pelo campeão não tinha esforços para trabalhar em prol de uma união, a ideia de Elijah — transmitida, a todo momento, por Remnick — é que cada um deveria ter o seu espaço. Se antes o jovem pugilista se incomodava com não poder entrar em certa loja ou em determinado bairro, agora a sua luta era por uma separação para o bem dos negros muçulmanos. A contradição, talvez pela ingenuidade, também fazia parte das declarações de Clay. O mesmo defensor de Alá e da segregação também falava como alguém que só defendia a paz, revelando até gostar daqueles que a sua religião chamava de demônios: “Gosto dos brancos. Gosto do meu povo. Todos podem viver juntos, sem impor a presença uns aos outros. Vocês não podem condenar um homem por querer a paz” (REMNICK, 2011, p. 240). No entanto, mesmo nessa fala, é possível ver como a ideia por trás da luta era por uma paz de separação, de segregação.

Na sequência do capítulo, Remnick, aproveitando a revelação de Clay sobre a sua posição religiosa, retoma a discussão sobre “o novo negro”.

Clay estava declarando que não se encaixava nos estereótipos vigentes, que não seguiria nenhum modelo comportamental determinado. Embora Liston também se declarasse independente das convenções (por meio da truculência pura, do estilo *que-se-dane*), a mensagem de Clay era política. Ele, e não Jimmy Cannon ou a Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor, definiria sua negritude, sua religião e sua história (REMICK, 2011, p. 239).

A denominação de “novo negro” surgiu do próprio lutador, que sempre se colocou como alguém diferente daqueles que o antecederam. No entanto, em vários momentos — que serão mais explorados no decorrer do livro —, Ali é retratado como alguém confuso e facilmente influenciável. Nem sempre, o discurso de independência e autossuficiência do campeão é corroborado por Remnick. Motta (2013, p. 179) lembra que, na análise pragmática da narrativa, o “[...] narrador imprime em relação às personagens tonalidades de solidariedade, afastamento, aproximação ou estigmatização diversas e que vão definitivamente implicar interpretações diferenciadas”. Nesse ponto da obra, o autor inicia, aos poucos, uma mudança de panorama diante do protagonista da história. Se, até a vitória e ascensão, Clay era apresentado como rebelde e genial, a partir desse ponto, Remnick prepara o leitor para as novas facetas de Ali.

No dia 6 de março de 1964, Cassius Marcellus Clay mudou de nome para Muhammad Ali, seu “nome divino”, segundo a Nação do Islã. O evento marcou um ponto significativo, a partir de então, seria impossível negar a forte ligação do lutador com a religião, com as crenças que espantavam pessoas de todos os lugares. Nesse momento, Ali já não tinha mais laços com Malcolm X, e sua trajetória estaria sempre ao lado dos preceitos defendidos por Elijah Muhammad.

Com membros da Nação do Islã, o campeão visitou, pela primeira vez, a África, o que Remnick, mais uma vez, destaca como um momento extremamente significativo na trajetória vitoriosa do pugilista.

Foi, em resumo, a primeira amostra de como seria a vida de Muhammad Ali, símbolo internacional, um boxeador mais importante do que o título de campeão dos pesos-pesados, a pessoa mais famosa do mundo. Aquele foi o começo de tudo, o começo da transfiguração de Ali. (REMICK, 2011, p. 247-248).

Repetindo o que fez no quinto capítulo, com o roubo da bicicleta do pequeno Cassius, Remnick dá uma grande importância à visita do campeão ao Continente Africano. Mais relevante do que a vitória diante de Liston ou a troca de nome, o passeio por outra realidade foi, para o autor, decisivo para a mudança significativa no comportamento de Ali. As declarações em prol da Nação do Islã, o trato com as pessoas em sua volta, o completo

desligamento da figura de Malcolm X, todas essas mudanças — naturais para qualquer um que aumentasse o envolvimento com os preceitos da religião — são colocadas, na narrativa, como concretizadas a partir do momento em que Ali, pela primeira vez, “[...] viu seu povo”.

Como traz Bruck (2009), ao retomar o conceito de ilusão biográfica de Bourdieu, a estratégia de Remnick é marcar exatamente o ponto em que sua vida mudou de patamar. Se o roubo da bicicleta foi o evento isolado que garantiu seu início no boxe, a mudança de nome e a viagem para a África elevaram a personagem de pugilista bem-sucedido à figura de ícone internacional. Por tratar de um período muitas vezes pouco explorado em outras biografias, a escrita de Remnick passa a impressão de buscar nesse tempo percorrido uma grande significação, já que deixa de fora momentos relevantes, como a luta do século, *Rumble in The Jungle*, e a participação nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, acendendo a pira olímpica.

5.8 Novas facetas de Ali

A quarta e última parte do livro inicia, fazendo um levantamento sobre a história do boxe, ligando o esporte com uma tradição racista dos Estados Unidos. Enquanto retoma, historicamente, como escravos eram obrigados a lutar para o deleite de seus donos latifundiários — que até viajavam para provar que tinham o escravo mais forte —, o autor traz a fala de Ali mais maduro, já da década de 70.

“Eles não querem que lutadores tenham cérebro. Não querem que se tornem empresários, sejam humanos ou inteligentes. Boxeadores não passam de brutamontes que divertem os brancos ricos. Batem uns nos outros, quebram narizes, sangram e se exibem como dois macacos para a multidão. Eles se matam para o público. E metade do público é branco. Somos apenas dois escravos no ringue.” (REMnick, 2011, p. 254).

Na composição da personagem Ali, Remnick explora as mais diferentes facetas. É interessante ressaltar como o autor não se restringe a apresentar opiniões e declarações da época em que está o seu principal foco da narração. Por ter muita base de pesquisa em antigas entrevistas e matérias de jornais, o escritor consegue interligar momentos da vida do pugilista com diferentes posicionamentos e falas. Nesse caso, fica ainda mais clara a profundidade de Muhammad Ali. Com uma afirmação do lutador em 1970, tem-se uma personagem mais madura e mais inteirada de certos assuntos sobre os quais o jovem Cassius ainda não pensava. Novamente, a visão consciente do campeão a respeito do próprio esporte, que sempre honrou e se dedicou, surpreende o leitor e confirma como a personagem de Ali descrita por Remnick é redonda e anáfora.

No decorrer do capítulo, intitulado “*Salve-me, Joe Louis...*”, o jornalista apresenta mais três personagens: Jack Johnson, Joe Louis e Sonji Roi. Elas surgem como o que Brait (1985) denomina “*embrayeurs*”, personagens que funcionam como elemento de conexão, tendo sentido apenas na relação com outros elementos da narrativa. Jack Johnson foi o primeiro negro a chegar ao posto de campeão dos pesos-pesados, após vencer James Jeffries, em 1908. Numa época em que campeões brancos temiam combater desafiantes negros, pela possibilidade de serem derrotados — um ultraje em uma sociedade extremamente racista —, Johnson venceu e bateu todos os adversários seguintes, mantendo sempre uma postura arrogante diante daqueles que o insultavam. Contestador, o boxeador tinha atitudes impensáveis para a sociedade branca do início do século XX, como possuir carros de valor muito elevado e tomar vinhos caros de canudinho. O preconceito diante da figura de Johnson era retribuído com atitudes de embate, algo que, segundo Remnick, influenciou Ali em sua postura rebelde e contestadora. Por isso, é possível entender Jack Johnson como uma personagem “*embrayeur*”, uma vez que sua função na obra é ligar a história preconceituosa do boxe com a figura de Muhammad Ali. “‘Cresci admirando a imagem de Jack Johnson’, ele disse. ‘Eu queria ser duro, forte, arrogante, o tipo de negro do qual os brancos não gostavam’” (REMNICK, 2011, p. 258).

A outra personagem que funciona como conexão para a imagem criada para Ali é Joe Louis. O lutador negro foi um símbolo nacional e, diferentemente de Johnson, não teve uma postura de combate. Muito pelo contrário, segundo Remnick, “Louis, em outras palavras, foi instruído a ser um anti-Jack Johnson” (REMNICK, 2011, p. 259). A postura “correta” do lutador levou-o a ser chamado, assim como Patterson, de “negro bom” pela imprensa da época. O que liga Ali e Louis, além da reconhecida capacidade atlética e técnica no boxe, é a figura do ídolo. Para explicar de onde surgiu a fama de Louis, o autor apresenta um pouco de sua história. Durante o período nazista na Alemanha, o lutador negro enfrentou o pugilista germânico Max Schmeling, em duas oportunidades, perdendo e vencendo. O título mundial saiu das mãos do modelo ariano, defendido pelo alemão, através da força do negro norte-americano. “Para os americanos, Louis derrotara o espectro ariano, o autodenominado super-homem nazista; uma vez mais, foi digno da admiração dos brancos, da famosa tirada de Jimmy Cannon, ‘um motivo de orgulho para sua raça — a raça humana’” (REMNICK, 2011, p. 260).

Na comunidade afrodescendente da América do Norte, Joe Louis era visto como um salvador, um homem invencível que carregava a esperança e os sonhos de uma população marginalizada. O lutador chegou a fazer parte de pôsteres de guerra, para atrair a parcela da

sociedade que o idolatrava para a Segunda Grande Guerra. O título do capítulo vem de uma passagem do texto que relata um evento ocorrido no sul dos Estados Unidos, quando a força foi substituída pela câmara de gás. Nos primeiros casos, um microfone foi colocado dentro da câmara para estudar o que os condenados clamavam antes da morte. “A primeira vítima foi um jovem negro. Quando a cápsula de gás foi jogada no recipiente e o gás se espalhou pelo local, as seguintes palavras foram conduzidas pelo microfone: ‘Salve-me, Joe Louis. Salve-me, Joe Louis...’” (REMNICK, 2011, p. 261). O autor ainda ressalta que Ali e Louis tiveram rugas, porém, com o tempo, admiravam um ao outro. Mais uma vez, Remnick traz uma personagem histórica do pugilismo para criar uma conexão entre a história do boxe e a figura de Ali, dessa vez, não como um rebelde, mas como um ídolo e símbolo de força para a população norte-americana. Para os que acompanharam a trajetória de Muhammad Ali, ele era capaz de derrubar até o verdadeiro Super-Homem¹³.

Nas últimas páginas do capítulo, o jornalista aborda uma faceta ainda pouco comentada no livro, a vida amorosa e sexual de Ali. Se, nos primeiros anos de carreira, as mulheres ficaram em segundo plano diante do sucesso profissional, ao se tornar Campeão do Mundo, o lutador também virou um dos homens mais cobiçados da América.

Quando Ali se tornou campeão, aos 22 anos, e anunciou a filiação à Nação do Islã, seu magnetismo sexual chegou ao máximo. Na noite da luta, Gloria Guinness, um mito do mundo da moda, que cobriu a primeira luta contra Liston para o *Harper's Bazaar*, disse depois a George Plimpton: “Ele era simplesmente de matar”. (REMNICK, 2011, p. 264).

O missionário pélvico, como era chamado pelo médico Ferdie Pacheco, não aproveitou tanto a fama. No entanto, pela primeira vez desde os relatos sobre o colégio, tem-se essa parte da vida de Ali apresentada. Em um encontro arranjado por um amigo da Nação do Islã, Ali conheceu Sonji Roi, com quem acabou casando-se. Uma mulher mais velha, mais experiente e, por mais surpreendente que possa parecer, segundo a trajetória do pugilista até então, uma esposa que não seguia a mesma religião. A personagem de Sonji, no entanto, recebe mais atenção do que as apresentadas anteriormente. No decorrer da obra, a relação dos dois é mais explorada, trazendo, até mesmo, citações da esposa sobre o marido biografado. Mais uma vez, retomando a ideia de *projeto dramático* apresentado por Motta (2013), é interessante mostrar como Sonji surge também para explicar ao leitor a importância da religião sobre as atitudes de Muhammad Ali e quais os posicionamentos da seita em relação às mulheres.

¹³ Em 1978, a DC Comics lançou a revista em quadrinhos *Superman vs Muhammad Ali*, em que Ali consegue derrubar o verdadeiro Super-Homem, Clark Kent.

5.9 O susto e o tiroteio

No décimo quarto capítulo do livro, *Tiroteio*, está tudo certo para a revanche entre Ali e Liston. Os dois lutadores voltam aos seus respectivos campos de treinamento, e, dessa vez, o ex-campeão mostra mais empenho na preparação, muito diferentemente do que aconteceu no primeiro embate. Faltando três dias para a luta, em um quarto de hotel, Ali acorda com dores e vai para o hospital, onde é detectada uma hérnia. A revanche foi cancelada, mas não sem evitar que boatos atacassem o campeão e seus companheiros da Nação do Islã. Nesse ponto, Remnick ressalta as possibilidades de conspiração que existem por trás da Nação. A presença de Ali no ponto mais alto do boxe era muito importante para que a religião tivesse divulgação e aparecesse para o Mundo. Dessa forma, é fácil entender como os eventos estiveram sempre cercados por questionamentos e suspeitas.

Quando as agências de notícias espalharam a notícia da doença de Ali e o inevitável adiamento da luta, correram boatos de que Ali havia sido envenenado. Tudo fazia parte da guerra entre a Nação do Islã e os seguidores de Malcolm X. Ali fingia estar doente, ou seguir instruções de H. L. Hunt, Robert Kennedy ou Elijah Muhammad. Obra da Máfia. Ali provocara a hérnia em si mesmo, de tanto medo que sentia de Liston. (REMNICK, 2011, p. 273).

O autor aponta diversas possibilidades de conspiração escondidas no fato de que Ali teve uma hérnia e precisou adiar a luta. O interessante é como já está clara a separação entre Malcolm X e a Nação do Islã. Muito além de uma separação pessoal entre os ex-amigos Ali e Malcolm, o antigo seguidor de Elijah Muhammad, no final de 1964, já era considerado um inimigo, alguém que não defende os mesmos ideais da religião pregada por Muhammad Ali.

A personagem de Malcolm X é bastante trabalhada por Remnick. É impossível negar a sua importância para a luta dos direitos civis igualitários nos Estados Unidos. Quando ainda seguia a Nação do Islã, Malcolm foi um profeta radical, muito atraente para jovens negros que desejavam sentir-se acolhidos. Assim como fez com Ali, o pregador era capaz de trazer orgulho a uma parcela da população que sempre sofreu com o racismo e o preconceito. Durante sua trajetória — descrita pelo autor — mudou suas crenças e, após a peregrinação pela África, aproximou-se mais dos ideais defendidos por Martin Luther King, separando-se de Elijah Muhammad. Diferentemente de Jack Johnson ou de Joe Louis, é possível entender Malcolm X como uma personagem *anáfora* e *redonda* para Remnick, uma vez que suas atitudes e posicionamentos sofrem mudanças durante a obra, além de apenas ajudar a explicar parte da trajetória de Ali. A construção do ativista político é muito mais semelhante às de Patterson e Liston, por exemplo, apesar de ser espalhada durante o texto da biografia.

No dia 21 de fevereiro de 1965, Malcolm X foi baleado durante uma palestra que proferia em Manhattan. Aos 39 anos, com a Nação do Islã em guerra declarada contra a sua figura, foi baleado e morto, diante da sua mulher e de filhos, por três homens. Apenas Talmadge X Hayer¹⁴ foi preso e reconhecido, os outros dois fugiram da cena do crime.

Nem Elijah Muhammad nem Muhammad Ali comemoraram a morte de Malcolm, tampouco expressaram qualquer solidariedade. “Malcolm X foi meu amigo e amigo de todos, enquanto era membro do Islã”, Ali disse. “Mas eu não quero falar nele. Todos nós ficamos chocados pelo modo como ele foi morto. Elijah Muhammad negou que os muçulmanos sejam responsáveis. Não somos violentos. Não usamos armas.” (REMNICK, 2011, p. 275).

Remnick não indica que a Nação do Islã foi responsável pelo atentado, no entanto, nesse ponto da biografia, a seita não é vista apenas como uma pregadora de ideologias de segregação e de valorização da cultura negra norte-americana, mas também como uma forte e poderosa organização, em alguns momentos, mais similar à máfia do que à crença em uma outra mitologia religiosa.

No decorrer do capítulo, mais alguns episódios marcam a narrativa de Remnick. Ali e seus acompanhantes param em um restaurante de estrada, e o dono, branco, recusa-se a servi-los. O que antes já revoltou muito o jovem Cassius, nesse ponto, parece fazer sentido. Enquanto o segundo Bundini grita e revolta-se, a postura de Muhammad já é de aceitação e de segregação, como quem não está interessado em fazer parte de tal sociedade que o repudia.

Outro fato apresentado — de forma claramente intencional — por Remnick é a mudança do local da revanche para Lewiston, uma cidade pequena, em que a atividade e o controle da Nação do Islã poderiam ser maiores. Os boatos sobre as ameaças contra Liston já eram grandes, e, com a mudança para a pequena cidade, a força dos homens de Elijah só aumentou. Com o assassinato de Malcolm, o Federal Bureau of Investigation (FBI) também se preocupou com um possível atentado e mandou homens para proteger o campeão. Dessa forma, o pequeno município no Maine, com 41 mil habitantes, tornou-se um ambiente hostil naqueles dias antes da luta.

“A influência dos muçulmanos negros fora muito sutil em Miami, mas tornou-se avassaladora em Lewiston”, recorda Robert Lipsyte. “Havia muitos muçulmanos altos, fortes, sóbrios, de olhos brilhantes. Eles tentavam até extorquir dinheiro dos repórteres em troca de entrevistas com Ali. Muitos eram ex-presidiários, pois o recrutamento para a seita na época era feito na cadeia”. (REMNICK, 2011, p. 280-281).

¹⁴ Em 2010, Talmadge Hayer, também conhecido como Thomas Hagan, reingressou na sociedade, após obter a liberdade condicional em sua pena pelos tiros que alvejaram Malcolm X.

Com a descrição do assassinato de Malcolm e as ameaças sofridas por Liston, o ambiente do local da luta é descrito como extremamente hostil, onde os homens de Elijah Muhammad controlavam tudo, e os repórteres sentiam a tensão no ar.

Por fim, o outro ponto importante do capítulo está ligado à figura de Sonji Roi. A mulher que conquistou Muhammad é, novamente, o foco de atenção de Remnick, para explicar como a seita influenciou o seu comportamento. O jovem apaixonado dos tempos de namoro no colégio, agora, é retratado como alguém que perde um amor pela crença na Nação do Islã.

Anos depois, Ali admitiria que estava perdidamente apaixonado por Sonji e que seu casamento era feliz, principalmente quando estavam sozinhos e longe dos olhares de censura dos outros muçulmanos. De noite, costumava cantar para ela sua canção favorita, “Stand by me”, de Ben E. King. Em várias ocasiões, no entanto, Ali não conseguia suportar as diferenças existentes entre eles. Ficava bravo quando ela questionava as restrições e mitologias dos muçulmanos ou as diferenças no comportamento dele quando estavam sozinhos ou na companhia de Hebert Muhammad e outros muçulmanos. (REMNICK, 2011, p. 284).

Em nenhum momento, Remnick tentou esconder “os podres” de Ali, pelo contrário. Apresentar o maior número de facetas do campeão é o que torna a biografia mais rica e a personagem *redonda* e *anáfora* — segundo as classificações já apresentadas neste trabalho. Sonji, no entanto, recebe atenção apenas quando o autor busca alguma história pessoal do lutador, apresentando suas opiniões sexistas e preconceituosas. O escritor até traz uma declaração de Ali, em que ele assume ter agredido a esposa. Apesar de receber um pouco mais de descrição e aparições durante a trama, Sonji ainda pode ser considerada uma personagem “*embrayeur*”, de acordo com Brait (1985), já que suas histórias têm sempre a intenção de apresentar algo sobre Ali ligado à vida pessoal do boxeador. Em nenhum momento, por exemplo, Remnick esforça-se para contar em detalhes a trajetória de Sonji, como faz com Liston, por exemplo.

5.10 A suspeita revanche

O Soco-Âncora, assim é intitulado o décimo quinto capítulo de **O Rei do Mundo**. O nome faz referência à segunda luta entre Ali e Liston, ao soco que sacramentou a posição do jovem promissor como Campeão do Mundo. Grande parte do texto é voltada para descrever as ações dos combatentes durante a curta luta, além de ressaltar a atmosfera criada pelo combate na pequena Lewiston. Desanimado desde antes do combate, Liston parecia não ter aceitado o adiamento do embate pela hérnia de Ali. O lutador, já veterano, não tinha cuidado

da forma após a mudança de data, e os velhos hábitos de bebida e descaso voltaram a lhe assombrar.

O combate durou poucos minutos. Apesar da estratégia de Liston de tirar o espaço de Ali no ringue, o campeão era veloz e dificilmente alcançável. Enquanto o desafiante perseguia o atual detentor do título, sua vontade perdia em força. Aos poucos, Muhammad Ali começou a mostrar que também sabia atacar, soltando alguns *jabs* e sequências. Em uma perseguição pelo ringue, uma direita entrou na guarda de Liston, que caiu repentinamente, em um soco que poucos no ginásio conseguiram ver, o “soco-âncora”. Agitado com o *knockdown* tão repentino, Ali não seguiu as regras e ficou em cima do adversário, provocando-o, como quem pede por mais. Caído, Sonny tentou levantar-se, mas, ainda tonto, foi ao chão novamente. Após conseguir ficar de pé, quando o árbitro estava prestes a recomencar a luta e Ali já provocava por mais combate, a mesa avisou que Liston havia ficado mais de 10 segundos no chão. Por *nocaute*, Muhammad Ali foi consagrado, mais uma vez, como detentor do título de campeão dos pesos-pesados. Bastou um *round* e um soco para que “O Urso” fosse ao chão, na segunda derrota seguida diante do jovem e rebelde Muhammad Ali. A luta, que durou apenas minutos, ficou imortalizada na história, com a foto de Neil Leifer da *Sports Illustrated*, que registrou o momento em que, enfurecido, o campeão aguardava Sonny levantar, para que a luta continuasse.

O resultado, surpreendente para o próprio vencedor, que não havia notado o soco decisivo após o término da luta, ganhou novas cores pelo ambiente criado em Lewiston.

As dúvidas sobre a segunda luta Ali-Liston provavelmente permanecerão enquanto as pessoas se preocuparem com o pugilismo. Mesmo se levar em conta que Ali realmente acertou Liston com um soco forte e inesperado, e mesmo deixando de lado a confusão no ringue para aceitar a disposição de Liston de continuar a luta quando se levantou, seria arriscado negar completamente a possibilidade de Liston ter facilitado — ou pensado em facilitar a luta. (REMnick, 2011, p. 298).

Com essas palavras, Remnick deixa a dúvida para o leitor, mantendo a luta como um mistério indecifrável, criando mais uma atração para quem lê a obra. O jornalista traz as palavras do treinador de Liston, que escutara boatos de ameaças por parte dos muçulmanos negros, apesar de o lutador negar qualquer tipo de armação. Em um dos raros momentos do livro em que Remnick utiliza a primeira pessoa, ele apresenta a recusa em falar com a mulher do derrotado. “Na velhice, Geraldine Liston passou a cobrar por entrevistas, uma proposta que preferi recusar. Contudo, na última entrevista gratuita que concedeu, para a produção do canal HBO em 1996, ela negou que o desfecho tenha sido arranjado” (REMnick, 2011, p. 299). Ali nunca acreditou em arranjo, segundo o autor, suas palavras sempre foram contestando as acusações. Para o campeão, ninguém que quer entregar uma luta cairia, fingindo, no primeiro

assalto, seria muito óbvio. Mas, para explicar um pouco a sensação após a luta, Remnick traz uma frase do lutador sobre o caso: “Minha boca obscureceu minha habilidade” (REMNICK, 2011, p. 299).

O FBI chegou a investigar o embate, porém, apesar de encontrar algumas poucas evidências que apontavam um arranjo, o caso nunca foi provado. Para finalizar o capítulo, o escritor apresenta duas falas de Sonny para um amigo jornalista:

“Em Lewiston, eu perdi o título de campeão mundial dos pesos-pesados”, Liston disse. “Perdi porque Nat Fleischer disse que eu perdi.”
 “O que o torna um árbitro da conduta no boxe? Quem lhe deu tal autoridade?”
 “É que ele consegue contar até dez mais depressa do que Joe Walcott”, disse Liston (REMNICK, 2011, p. 302).

Diferentemente de todos que acusavam a Nação do Islã por pressão e ameaças — é importante lembrar que essa luta ocorreu pouco tempo depois do assassinato de Malcolm X —, Sonny apontou o erro do árbitro. A sua derrota não foi causada por medo ou desconforto. A luta poderia continuar, mas foi interrompida. Deixar essa menção ao final do capítulo dá ao leitor, dentro do *projeto dramático* de Remnick, a ideia de que, se nem mesmo o derrotado revelava a causa de sua derrota, então, não haveria motivos para acreditar em algum plano ou alteração de resultados. No entanto, como já explicado anteriormente pelo próprio jornalista, o mistério que cerca essa luta continua.

5.11 A força de um nome

O último capítulo de **O Rei do Mundo**, intitulado *O Que Há num Nome?*, foca o embate entre Ali e o antigo campeão Floyd Patterson. Porém o início relata a separação de Ali e Sonji. Um mês após a revanche diante de Liston, o campeão entrou com o pedido de divórcio, alegando que a esposa não se comportava como uma mulher adequada, não seguia as normas da Nação do Islã. Chegara ao fim a relação entre os dois.

[...] de acordo com todos os não muçulmanos que os rodeavam, Ali e Sonji pareciam ter um casamento amoroso, que só deu errado por causa da pressão que os líderes da Nação exerceram sobre Ali. Eles eram carinhosos um com o outro; Sonji se entendia bem com os pais de Ali. Com o tempo, Ali se tornaria um conquistador internacional — o “missionário pélvico” —, porém, enquanto esteve casado com Sonji, foi fiel. (REMNICK, 2011, p. 305).

A personagem jovem e viva que questionava tudo e todos diante do seu potencial de ser o maior do Mundo, quando obteve o que tanto almejava, agia de acordo com a seita que seguia. Ao longo da narrativa, Remnick deixa de apontar as qualidades e começa a examinar defeitos de Muhammad Ali. Se, no princípio da obra, o jornalista ressaltava a força física, a

rebeldia, o bom-humor, nos últimos capítulos, a impressão é de um Ali convertido e sem força própria. As brigas com Sonji relatadas no livro só aumentam o impacto da influência de uma religião sobre a vida de um homem.

Aquele que antes lutava contra a discriminação, já era capaz de fazer o mesmo. Utilizando da entrevista de Ali para a *Playboy* — a fonte mais explorada por Remnick durante o decorrer da obra —, o autor apresenta um Ali preconceituoso.

“Você está parecendo a cópia de carbono de um racista branco”, concluiu o entrevistador. “Vamos dar nome aos bois: você acha que o linchamento é a saída para evitar sexo entre as raças?”

“Um negro deve ser morto, caso se envolva com uma mulher branca”, Ali disse. “E os brancos sempre fizeram isso. Eles lincharam negros que apenas olhavam para uma branca; eles consideravam isso abuso visual e já pegavam a corda. [...]”

“E se uma mulher muçulmana quiser sair com homens não muçulmanos – negros ou brancos?”, perguntou o repórter da *Playboy*.

“Aí ela morre”, Ali retrucou. “Vamos matá-la também”. (REMnick, 2011, p. 306).

A Nação do Islã transformara Ali em um homem preconceituoso, que obedecia cegamente a dogmas em que não acreditava antes. Machista, defensor da segregação, o campeão adotou, durante grande parte de sua vida, o discurso de orgulho da sua cultura e religião para justificar opiniões incabíveis.

Nas últimas páginas do capítulo, Remnick dirige o assunto para a luta entre Patterson e Clay, a volta do “negro bom” diante do “novo negro”. Para atacar o jovem detentor do título, o veterano lutador ignora a sua mudança de nome (algo que muitos adversários posteriores também fizeram), chamando-o de Clay em todas as oportunidades. O embate, novamente, ganhou *status* político, já que cada um representava uma posição diferente da sociedade negra norte-americana. Patterson, um católico praticante, buscava a aceitação da sociedade em que todos, brancos e negros, poderiam viver como iguais, como filhos do mesmo Deus. Para Ali, essa postura era ridícula, não precisava da aceitação de ninguém, não foi isso que aprendeu com a Nação.

Em um artigo publicado, em outubro de 1964, na *Sports Illustrated*, Patterson posicionou-se fortemente contra a postura de Ali, comparando os ideais segregacionistas do Islã com as práticas da Ku Klux Klan. Em outro momento, afirma que um muçulmano negro como Campeão do Mundo é uma desgraça para o esporte e para a nação. Como fez muitas vezes em sua carreira, Muhammad ficou enfurecido, mais do que diante de Liston ou qualquer outro adversário, chamando o antagonista de Pai Tomás, um negro fraco que só sabia baixar a cabeça para líderes brancos. Sobre o embate político entre Ali e Patterson, Remnick posiciona-se assim:

Considerar Patterson apenas um sujeito servil seria desprezar o movimento dos direitos civis nos termos propostos por King. No final, a não violência militante foi

mais eficaz do que qualquer tentativa da Nação do Islã e de outros grupos nacionalistas — e tão perigosa quanto. Parte da genialidade do livro que James Baldwin lançou em 1962, *The fire next time*, era identificar a Nação não como um grupo político particularmente eficiente, mas como um sintoma da opressão contínua e um aviso de que as mudanças limitadas na sociedade levariam ao confronto — o que ocorreria, de fato, em pouco tempo. (REMICK, 2011, p. 310).

O autor ainda aponta que, se, para a maioria da população branca, o embate era mais um exemplo de o “bom negro” contra o “negro mau”, outra parcela não via o confronto dessa maneira. Mesmo com opiniões preconceituosas, Ali era visto como o novo Jack Johnson, o novo Joe Louis, ele gerava esperança e orgulho para aqueles que sempre foram marginalizados e discriminados. Assim como a Nação do Islã, nessa época de sua trajetória, Ali não foi um eficiente ativista político, apenas uma figura inspiradora que desafiava a sociedade. Antes da sua recusa em lutar no Vietnã — evento que não é contemplado nessa biografia de Muhammad Ali —, é difícil enxergar o boxeador como uma figura política relevante, além de um nome extremamente popular e carismático, que fugia dos modelos anteriores.

A luta entre Floyd Patterson e Muhammad Ali aconteceu, e, como esperado pelos especialistas, o campeão foi superior durante todos os 12 *rounds* de duração. A raiva de Ali gerada pelas declarações contra sua postura foi o suficiente para o lutador castigar o adversário durante cada instante, sem que nenhuma reação fosse possível. No final do décimo segundo round, o árbitro interrompeu a luta, sem um soco decisivo, sem um nocaute clássico.

Para terminar sua narrativa, Remnick relata um episódio de 1966, muito tempo após o embate, quando os dois voltaram a se encontrar. Os antigos adversários trocaram elogios, reconhecendo o valor de cada um, deixando de lado as rugas que, naquele instante, pareciam ser apenas provocação antes de um embate pelo título mundial. Ao se referir ao detentor do cinturão, Patterson mostrou que já não havia mais clima de inimizade. “Patterson fez ao campeão o maior elogio que era capaz de imaginar. Ele o chamou pelo nome.” (REMICK, 2011, p. 321).

5.12 O final de cada um

A trajetória de cada uma das personagens é resumida e trazida até os dias atuais (1998) no *Epílogo* de **O Rei do Mundo**, *Veteranos em Volta da Lareira*. A biografia de Ali termina com a vitória sobre Patterson, fechando a narrativa criada por Remnick, que avança através dos campeões Floyd, Sonny e Clay. No *Epílogo*, o autor tem a oportunidade de atualizar a vida de suas personagens, além de, muitas vezes, em primeira pessoa, retomar a admiração

pela figura de Ali, trazendo elementos que ficam de fora do texto, devido ao recorte feito pelo jornalista. De alguma forma, o escritor tem uma relação de respeito e carinho por aquele que escolhe para contar a trajetória. Pena (2004) comenta como, muitas vezes, celebridades e pessoas queridas pela população acabam por serem biografados, pela apelação de sua imagem, seja ela com o público, seja com o biógrafo. No *Epílogo*, encontramos mais essa característica em Remnick. Se, no texto total, o autor busca apresentar facetas negativas do campeão, no *Epílogo*, Ali tem a sua redenção e redimensionamento.

A principal trajetória a ser “continuada” é a da personagem principal Muhammad Ali. O autor explora os confrontos de final de carreira, a mudança no estilo, até mesmo o afastamento, mas ressalta como os fatos seguintes ao final de seu texto são os mais significativos. Após suas vitórias e a confirmação como campeão mundial, o que mais marcou a vida do pugilista aconteceu: a recusa em lutar na Guerra do Vietnã. É interessante notar como Remnick apresenta esse fato como um verdadeiro divisor de águas. Se, no final do seu texto, o autor explora lados ruins do lutador, como o machismo e as posições segregacionistas, é na recusa ao serviço militar que Ali assume a posição de herói.

“Aquele foi o momento para Ali”, Lipsyte disse. “Ele seria amado e odiado pelo resto da vida por uma declaração que parecia banal, mas que saiu num instante de inspiração.” Como já ocorrera e se repetia muitas vezes, Ali exibia seu dom para agir intuitivamente, sua agilidade, naquela hora estava agindo de um modo que caracterizava sua época, resistindo à autoridade, insistindo em que a lealdade ao país não era automática nem absoluta. Sua rebelião, racial no início, abria o leque. (REMNICK, 2011, p. 325, grifo do autor).

Mais uma vez, a personagem Ali surpreende, passa de um ativista das causas raciais para um combatente político. Com uma frase singela, “Eu não tenho rixa nenhuma com os vietcongues”, o lutador, que só era famoso por sua ligação com a Nação do Islã, assumiu uma posição de enfrentamento com o Governo. Acusado de “não americano”, o campeão foi observado de perto pelo FBI, tornando-se uma preocupação maior para as autoridades do que jamais foi Jack Johnson. Ao assumir tal posição, Ali perdeu milhões de dólares, o amor de muitos norte-americanos e o título mundial — aquilo que mais almejava durante sua vida. A recusa à guerra foi um choque para a sociedade, que já estava acostumada com ídolos aparecendo como símbolos do combate. Louis lutara na Primeira Grande Guerra e vencera a ameaça ariana. Até mesmo Elvis foi um modelo para que os jovens servissem à nação. Ali não era como eles, ele era diferente.

“É difícil, hoje em dia, transmitir a emoção daquela época”, declarou Sonia Sanchez, poeta e militante dos direitos civis. “Naquele momento, pouca gente conhecia a resistência à convocação militar. A guerra estava matando um número desproporcional maior de negros, e lá estava aquele jovem bonito, divertido, poético, erguendo-se para dizer não! Tentem imaginar isso, por um momento! O campeão dos pesos-

-pesados, um sujeito mágico, levando sua luta para fora do ringue, para a arena política, com muita firmeza. O recado foi dado!”. (REMICK, 2011, p. 328).

Todas as mudanças e lembranças de Remnick a respeito dos defeitos de Ali parecem esquecidas, quando o campeão toma uma postura tão marcante e importante no contexto político do período. Cada ponto apresentado, o fanatismo cego religioso, o machismo, o segregacionismo, tudo recebe uma redenção do autor, ao retornar à sua entrevista com o Senhor Muhammad Ali, em sua casa, em Michigan. A figura frágil do lutador não transmite mais ódio, mas, sim, amor. O autor explica como a Nação do Islã dividiu-se após a morte de Elijah Muhammad e como o eterno campeão, atualmente (1998), só prega o amor, arrependido por suas posições segregacionistas e machistas do passado. Com sua fé em Alá, o antigo Rei do Mundo alcançou, segundo o jornalista, a “serenidade espiritual”. Nos últimos parágrafos do livro, Remnick ainda humaniza a figura de um homem que já foi capaz de vencer o Super-Homem.

A religião de Ali organiza sua vida e o ajuda a lidar com a doença. Um homem qualquer seria perdoado por momentos de amargura, pois ele era uma artista do qual foi tirado o que parecia ser sua essência — a beleza física, a rapidez, a mente aguçada, a voz —, mas Ali nunca dava espaço para a autocomiseração. “Sei por que tudo isso aconteceu”, ele disse. “Deus está me mostrando que sou um homem como qualquer outro. E a você, também. Você pode aprender me vendo assim”. (REMICK, 2011, p. 343).

Vilas Boas (2002) aponta essa reflexão de Ali, ao mencionar os motivos pelos quais fazem sucesso biografias de pessoas extraordinárias. Segundo o autor, essas figuras são capazes de excitar, orientar, alertar e ajudar aos leitores com a sua trajetória, como se, de alguma forma, aquilo vivenciado pelo biografado se refletisse na vida do consumidor da obra, através de uma experiência imaginária.

Remnick também explica as trajetórias de suas personagens redondas: Patterson e Liston. O primeiro, com quem realizou entrevista, é apenas uma sombra de um campeão, sofrendo os dramas de um homem que já não consegue confiar em sua memória e corpo. Já “O Urso”, como era chamado, foi encontrado morto em 1970, num quarto, sozinho. As suspeitas de assassinato foram fortes, porém nunca comprovadas. O autor também discute o próprio esporte, questionando a brutalidade e a beleza de uma prática que perdeu espaço nos últimos anos, sem os mesmos grandes ídolos do passado.

Por fim, o biógrafo volta para a casa de Ali em Michigan, no tempo presente, e reforça: “Ali é um mito americano que passou a significar muitas coisas para muita gente: um símbolo de fé, um símbolo de convicção e desafio, um símbolo de beleza, habilidade e coragem, um símbolo de orgulho racial e um símbolo de graça e amor” (REMICK, 2011, p. 344).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua entrevista na *Columbia University Graduate School of Journalism*, David Remnick deixou claro para os presentes que não é um apaixonado por boxe, sua vontade de contar a história dos primeiros anos como profissional daquele que é considerado o maior pugilista de todos os tempos deve-se, exclusivamente, à figura de Muhammad Ali. Durante toda a narrativa, o autor apresenta, em diversos momentos, a visão de jornalista, baseando a obra em entrevistas e fontes de jornais. Em diversos momentos, Remnick busca no Jornalismo a informação (ou expressão) que não poderia alcançar pelo anacronismo de sua escrita. A história narrada no livro, publicado, nos Estados Unidos, em 1998 — com edição brasileira de 2011 —, acontece, quase que inteiramente, nos anos 60, quando o escritor ainda dava os primeiros passos. A constante fonte jornalística, a descrição de cenas característica do Jornalismo Literário e o trabalho de apuração e entrevistas são características que aproximam a biografia de Ali e/ou Clay desse campo da comunicação.

Vilas Boas (2002) não acredita que exista uma grande diferença na Biografia feita por um jornalista relativamente às demais, a ponto de distingui-la das outras, como uma categoria de *Biografia Jornalística*, no entanto, são notórios os momentos em que as capacidades da profissão de Remnick estão marcantes no texto — trechos apontados na análise. Como traz Steve Weinberg (1992) , na *Introdução* da obra **Telling the Untold Story**, as habilidades adquiridas por um profissional do Jornalismo no trabalho diário são refletidas na obra biográfica. A justificativa de Vilas Boas (2002) é que delimitar a Biografia em uma classificação não faria sentido, já que, por si só, a narrativa biográfica é híbrida. No entanto, se existe pontos característicos do fazer jornalístico em biografias produzidas por profissionais da área, é compreensível tal diferenciação. Com inspirações como Gay Talese e Norman Mailor, Remnick transmite a mesma prática literária do fazer jornalístico com um tema abordado pelos dois renomados autores: o boxeador.

O objetivo do presente trabalho é analisar os elementos de construção da personagem Cassius Clay e/ou Ali em **O Rei do Mundo**, de David Remnick. A partir de autores como Bourdieu (1996), Bruck (2009), Dosse (2009), Pena (2004) e Vilas Boas (2002), estudaram-se as características principais da narrativa biográfica e discutiu-se a formação de um personagem biografado dentro das características híbridas do gênero. Pluralidade de campos explorados e o conceito de ilusão biográfica de Bourdieu foram dois pontos abordados na análise do protagonista, que foi construída dentro da narrativa do autor. Neste trabalho,

também surgiu a visão de Biografia como fato jornalístico, apresentado por Fonseca e Vieira (2011).

Considera-se Jornalismo Literário a construção escolhida por Remnick para contar a história de Muhammad Ali. A partir de referências como Bulhões (2007), Pena (2006a, 2006b), Vilas Boas (2002, 2003) e Wolfe (2005), foi possível apontar e ressaltar passagens em que características desse gênero jornalístico aparecem na obra do autor. Dessa forma, mesclando Jornalismo Literário e Biografia.

Através de Brait (1985), Candido (2011), Gancho (2006) e Forster (1969), a construção da personagem Cassius Clay e/ou Muhammad Ali foi o foco principal deste trabalho. Como já explicitado no Capítulo 5, essa é uma personagem anáfora, redonda e, seguindo a classificação mais antiga, de natureza. Em diversos momentos da obra, Remnick apresenta novas facetas e opiniões do campeão, enriquecendo a narrativa e a personagem-protagonista. Primeiramente, ainda no *Prólogo*, o autor mostra Ali já envelhecido, sofrido, com as marcas que o tempo e o Mal de Parkinson deixaram em sua vida. Após a primeira aparição da personagem-protagonista, o texto entra em uma sequência de duas histórias importantes para a ascensão de Clay ao posto mais alto do pugilismo. O autor traz dois perfis dos antecessores do Rei do Mundo: Floyd Patterson e Sonny Liston. Ao contar a trajetória dos ex-campeões, o escritor prepara e situa o leitor na época, além de criar a base da construção da personagem: a dicotomia social entre o “mau negro” e o “bom negro”. Com um cenário e personagens já dispostos, apenas na página 104, Remnick inicia a cronologia biográfica de Cassius Clay, contando sua origem, para evoluir através do tempo. Ao decorrer do livro, outras personagens importantes ajudam a contar a vida de Clay, como Sonji Roy, Malcolm X e Elijah Muhammad, o que enriquece a obra. Retomando a característica híbrida da Biografia, é ressaltado como o texto aborda os mais diferentes campos a partir da trajetória de Ali. História, política e religião são temas explorados pelo jornalista em diversos momentos de **O Rei do Mundo**, comprovando a pluralidade de tópicos trabalhados em uma narrativa biográfica.

Ao ascender no esporte, Muhammad Ali perde um pouco das características joviais e atrativas de Cassius Clay, para assemelhar-se mais com uma *persona* radical, machista e antipática. Com essa gradual mudança de comportamentos e opiniões, o autor consegue compor uma personagem mais complexa, longe de um padrão de ações e pensamentos. A todo instante, Ali surpreende, o que é característica de uma personagem redonda. Como já foi citado no Capítulo 2, ao desenvolver as potencialidades da Biografia, a personagem Ali da obra **O Rei do Mundo** existe apenas nela mesma, sendo assim, anáfora e complexa. Ao final

da obra, no *Epílogo*, o escritor coloca a figura de Muhammad Ali em um plano geral e contemporâneo. Se, antes, figurava como o lutador que assumiu o título e lutou contra todos, cegamente, por sua religião, ao final da obra, Ali já entende quais lutas realmente combateu e qual a sua importância diante do Mundo, afinal, não é à toa o nome do livro, **O Rei do Mundo: Muhammad Ali e a ascensão de um herói americano**. O subtítulo da obra também é importante para compreender o todo criado por Remnick. Afinal, o recorte biográfico neste livro é o da ascensão – deixando apenas para o *Epílogo* vários dos grandes feitos de Ali – que deixa o herói, acima dos homens, valorizando sua figura e potência biográfica. O contexto americano, também importante no título da obra explicita a importância deste herói na sociedade americana, ao passar por diversos momentos políticos relevantes, fugindo da figura de “mero boxeador”.

Nesta monografia, foi usada a análise pragmática da narrativa, permitindo, dessa forma, utilizar componentes de todo o texto para o desenvolvimento do trabalho. A partir do encadeamento de histórias e posicionamentos no texto, foi possível explicitar o *projeto dramático* do autor, ressaltando, assim, o papel do escritor em uma narrativa biográfica. Para aprofundar mais a construção da personagem-protagonista, ainda foram classificados personagens secundários na obra, que ajudam a constituir uma *persona* múltipla do biografado. A análise dos perfis de Sonny Liston e Floyd Patterson e a classificação de personagens “*embrayeurs*”, como Joe Louis e Jack Johnson, foram essenciais para a constituição de Muhammad Ali.

Toda a narrativa é vista, aqui, como um projeto pensado e desenvolvido pelo autor. Dessa forma, é expressa por meio de estratégias literárias, como o uso da caracterização, dos diálogos, das descrições, das fontes. Mostra-se, neste trabalho, como Remnick, para constituir uma personagem plural como é Muhammad Ali em **O Rei do Mundo**, expondo sua complexidade e falhas, colocou em seu *projeto dramático* características de narrativas tanto biográficas quanto jornalísticas, explorando sua formação como jornalista em cada entrevista e na busca por referências.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 181-191.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.
- BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na repositão do real**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **A personagem de ficção**. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 51-80.
- CASADEI, Eliza Bachega. A Construção de Personagens no Jornalismo: entre a matriz de verdade presumida e a imaginação das urdiduras de enredos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense**, n. 22, 2010.
- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993. 183p.
- COMPANHIA DAS LETRAS. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01264>>. Acesso em: 19 ago. 2014.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FONSECA, Virgínia Pradelina da S.; VIEIRA, Karine Moura. **A biografia como acontecimento jornalístico**. 2011. Disponível em: <http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2011/12/12/1323717908.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2014.
- FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- GANCHO, Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.
- GENTILLI, Victor. **Biografias: entre o Jornalismo, a História e a literatura**. XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2112-1.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2014.
- KLEPP, L. S. **King of the world review**. 1998. Disponível em: <<http://www.ew.com/ew/article/0,,285543,00.html>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

LOBO, Ramón. **David Remnick: “Let’s not to be romantic about the uniformed brilliant quality of all journalism in the pre-internet age. There was a lot of crap”**. 2013. Disponível em: <<http://www.jotdown.es/2013/08/david-remnick-lets-not-to-be-romantic-about-the-uniformed-brilliant-quality-of-all-journalism-in-the-pre-internet-age-there-was-a-lot-of-crap/>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

MAILER, Norman. **A luta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

McCALLUM, Jack; O'BRIEN, Richard. **Sports Illustrated**, 10.19.1998, v. 89, n. 16, p. 32.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 143-167.

THE NEW YORKER. Disponível em :<<http://www.newyorker.com/contributors/david-remnick>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006a.

PENA, Felipe. **O Jornalismo Literário como gênero e conceito**. 2006b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PITT, Nick. **The whole world in his hands**. Sunday Times, 1999, p. 33.

PONTES DA SILVA, Amanda Tenório. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico**. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/15019/14470>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

REMNICK, David. **Delacorte Magazine Lecture**. Nova Iorque, 2010. Entrevista concedida aos alunos da Columbia University Graduate School of Journalism em 10 fev. 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cFOrAh46lqc>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

REMNICK, David. **Dentro da floresta: perfis e outros escritos da revista New Yorker**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REMICK, David. **O Rei do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. São Paulo: Papyrus, 1994.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos**. 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2040>> Acesso em: 14 nov. 2013.

SCHULBERG, Budd. **The Champ**. 1998. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/books/98/10/25/reviews/981025.25schulbt.html>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria H. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos: Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WEINBERG, Steve. **Telling the untold story: how investigate reporters are changing the craft of biography**. Columbia: University of Missouri Press, 1992. p. 3.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOOD, Gaby. **The quiet american**. 2006. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/theobserver/2006/sep/10/observermagazine>>. Acesso em: 19 ago. 2014.